

Publicado em

Espanhol

Francês

Inglês

►Português

# DÍALOGO

U N I V E R S I T Á R I O



**Ainda que caiam os céus**

**Duas culturas, um casamento**

**Catastrofismo? Sim!**

**A Igreja Adventista e um bilhão de dólares**



Volume 10  
Número

**2**

# Conteúdo

## Editorial

- 3 Alguém se importa?  
—Richard Barron

## 3 Cartas

### Perfis

- 16 Grace Adeoye  
—Mark Driskill

- 18 Victor Issa  
—Erik Stenbakken

### Logos

- 24 A capacidade de valorizar o outro  
—Bryan Craig

### Em Ação

- 26 Tente a Saúde!  
—Stefan Mihaicuta

### Livros

- 28 *Heirs of the Reformation*

—Floyd Greenleaf

- 28 *Two Cultures, One Marriage*

—Linda Koh

- 29 *Heaven's Lifestyle Today*

—Hedrick Edwards

### Para Sua Informação

- 30 Ensine alguém, alcance alguém:  
Alfabetização e missão adventista  
—Ardis Stenbakken

## 32 Intercâmbio

### Primeira Pessoa

- 34 Sua mão orientadora  
—Claudio Durán

## Representantes Regionais

**Divisão África-Oceano Índico:** Japheth L. Agboka. Endereço: 22 Boite Postal 1764. Abidjan, Costa do Marfim.

**Divisão da África Oriental:** Hudson I. Kibuuka. Endereço: H.G.100, Highlands, Harare, Zimbábue.

**Divisão Euro-Africana:** Ronald Strasdowsky. Endereço: P.O.Box 219, 3000 Berna, 32 Suíça.

**Divisão Euro-Asiática:** Harry Mayden. Endereço: Krasnoyarskaya Street, Golianovo, 107589 Moscou, Federação da Rússia.

**Divisão Interamericana:** Alfredo Garcia-Marenko e Carlos Archbold. Endereço: P.O.Box 140760, Miami, Fl 33114-0706, E.U.A.

**Divisão Norte-Americana:** Richard Osborn, Jose Rojas e Richard Stenbakken. Endereço: 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, E.U.A.

**Divisão Norte-Asiática do Pacífico:** David Wong. Endereço: Sam Hee Plaza (5th floor), 66 Chuyop-Dong Ilsan-Gu, Koyang City, Kyonggi-Do 411-370, República da Coreia.

**Divisão Sul-Americana:** Roberto de Azevedo e José M.B. Silva. Endereço: Caixa Postal 02-2600, 70279-970 Brasília, DF, Brasil.

**Divisão do Sul do Pacífico:** Lester Devine e Barry Gane. Endereço: 148 Fox Valley Road, Wahroonga, N.S.W. 2076, Austrália.

**União Sul-Africana:** Jonathan Julies. Endereço: P.O.Box 468, Bloemfontein 9300, Orange Free State, África do Sul.

**Divisão Sul-Asiática:** Edwin Charles. Endereço: P.O.Box 2, HCF Hosur, Tamil Nadu, 635110 Índia.

**Divisão Sul-Asiática do Pacífico:** Oliver Koh. Endereço: P.O.Box 040, Silang, Cavite 4118, Filipinas.

**Divisão Trans-Européia:** Ole Kendel e Orville Woolford. Endereço: 110 St. Peter's Street, St. Albans, Herts., AL1 3EY Inglaterra.

## Artigos

### 5 Ainda que caiam os céus

*Firmeza num mundo de secularismo, relativismo e incoerência moral.*

—Greg A. King

### 8 Duas culturas, um casamento

*Quais são os fatores conhecidos que podem levar a casamentos problemáticos ou a casamentos bem-sucedidos entre duas culturas?*

—Reger C. Smith

### 11 Catastrofismo? Sim!

*Um apanhado de como a ciência tem oscilado diante do papel do catastrofismo no estudo da história da terra.*

—Ariel A. Roth

### 20 A Igreja Adventista e um bilhão de dólares

*Deus nos chama a partilhar Sua graça, levando o evangelho ao mundo todo.*

—Gary Patterson

**Diálogo Universitário**, um periódico internacional de fé, pensamento e ação, é publicado três vezes por ano em quatro edições paralelas (espanhol, francês, inglês e português) sob o patrocínio da Comissão de Apoio a Universitários e Profissionais Adventistas (CAUPA), organismo da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia: 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, E.U.A.

VOLUME 10, NÚMERO 2.  
Copyright © 1998 pela CAUPA.  
Todos os direitos reservados.

DÍALOGO afirma as crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia e apóia sua missão. Os pontos de vista publicados na revista, entretanto, representam o pensamento independente dos autores.

CORRESPONDÊNCIA SOBRE CIRCULAÇÃO deve ser dirigida ao Representante Regional da CAUPA na região em que o leitor reside. Os nomes e endereços destes representantes encontram-se abaixo.

ASSINATURAS: US\$12,00 por ano (três números). Ver cupom na pág. 10.

### Comissão (CAUPA)

Matthew Bediako, *Presidente*  
Baraka G. Muganda, Humberto M. Rasi, Richard Stenbakken, *Vice-Presidentes*

Julieta Rasi, *Secretária*

*Membros:* Richard Barron, John M. Fowler, John Graz, Jonathan Kuntaraf, George Reid, Mário Veloso.

### Equipe Editorial

*Editor-chefe:* Humberto M. Rasi

*Editor:* John M. Fowler

*Editores Associados:* Richard Barron, Richard Stenbakken

*Gerente Editorial:* Julieta Rasi

*Consultores:* James Cress, George Reid

*Secretária editorial:* Sherilyn Samaan

*Secretárias editoriais internacionais:*

Julieta Rasi (Espanhol)

Francine Schweitzer (Francês)

Eunice Scheffel do Prado (Português)

*Correspondência Editorial:*

12501 Old Columbia Pike

Silver Spring, MD 20904-6600;

E.U.A.

*Telefone:* (301) 680-5060

*Fax:* (301) 622-9627

*E-mail:*

74617.464@compuserve.com e

104472.1154@compuserve.com.

**Diálogo tem leitores em 99 países ao redor do mundo.**

## Alguém se importa?

**A** esta altura do ano acadêmico você já se adaptou à rotina escolar. Pode, contudo, ter-se sentido um estranho em diversas classes. Frequentemente, você está só em sua posição filosófica e moral. Além disso, houve ocasiões em que você afirmou os pontos essenciais da fé cristã e foi recebido com caçadas ou desprezo. Discussões francas entre seus colegas assumem que a promiscuidade sexual pertence à ordem do dia. Se as conversas de vestiário e as aparências significam algo, é essa a prática aceita entre muitos estudantes. E fazer o que bem entender, sem consideração pela lei de Deus, parece realmente *legal*.

Em meio a tudo isso você pode sentir-se um estranho, fora de compasso com a maioria daqueles que passeiam pelos corredores acadêmicos. Até agora você resistiu. Por vezes foi espezinhado ou empurrado contra a parede, e em sua solidão você ouviu-se dizer: “Alguém se importa que eu esteja só?”

É por isso que existe esta revista, *Diálogo*, a publicação oficial do ministério universitário da Igreja Adventista do Sétimo Dia para seus membros que fazem cursos superiores. A igreja de Deus se importa! Através de seus artigos e testemunhos, *Diálogo* lhe informa que você não está só em suas lutas, sentimentos e frustrações. Milhares de estudantes adventistas como você lutam corajosamente para viver e partilhar sua fé em universidades seculares. Outros milhares de profissionais adventistas podem-lhe dizer que a experiência no campus secular lhes aprofundou a convicção e os preparou para serem melhores embaixadores de Cristo.

Envolva-se numa organização adventista cristã ou filial da CAUPA em seu campus. Se não houver uma, você e seus amigos poderão organizá-la. (Para obter idéias, entre em contato com um de nossos representantes regionais alistados na página 2.) Essa organização o ajudará a ver seus colegas como pessoas com sentimentos e carências, com fome do amor de Deus. Pertencer a um grupo como esse vai ser uma ajuda tremenda para resistir à pressão constante de conformar-se com as ideologias do mundo e ser moldado por elas. Se essas opções não existem, descubra outros cristãos ou organizações estudantis cristãs no campus, com os quais você possa relacionar-se, orar e estudar a Palavra de Deus. Alguns dos artigos desta revista, reproduzidos e distribuídos, podem servir como ponto de partida para uma discussão ou meditação.

Sim, você terá seus altos e baixos, depressões de meados de semestre, dúvidas e desalento. Mas experimentar tudo isso com outros cristãos que crêem na Bíblia ajuda a repelir as vozes insidiosas que clamam por sua alma.

Ah, sim, Alguém se importa. Lembra-se? “‘Nunca te deixarei nem te dsampararei’... ‘Eis que estou sempre convosco’... ‘Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, ali estarei... Levei as cargas uns dos outros... Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra, e luz para os meus caminhos... Vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados... As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e libertador meu’”. Deus cuida de você! E porque Ele cuida, você também se importa com os outros.



Richard Barron, *Editor Associado*

*Nota:* Este editorial é a despedida do Pr. Richard Barron aos leitores de *Diálogo*. Oremos para que Deus continue a abençoá-lo, ao tornar-se pastor de tempo integral e secretário ministerial da Associação das Bermudas.

### Um número maravilhoso

Acabo de receber *Diálogo* 10:1 e o achei um número maravilhoso. O artigo do Dr. Groot sobre o Big Bang é magnífico. Fiz cópias do “Ponto de vista” de Ed Christian para minha classe de biologia, onde há pouco acabamos de discutir sobre evolução e as formas como os cristãos podem relacionar-se com ela.

**Earl Aagaard**

Pacific Union College

Angwin, Califórnia, E.U.A.

### Parte de um grande movimento

Congratulações por produzirem uma revista com um conteúdo de qualidade constante. É uma das melhores revistas que conheço, e apela tanto a estudantes universitários como a profissionais. Como engenheiro eletricitista, fazendo agora o curso de arquitetura, aprecio sobretudo artigos e reportagens acerca do avanço da Igreja Adventista do Sétimo Dia em áreas ainda não penetradas do mundo. Eles me encorajam a partilhar minha fé onde me encontro, como parte de um movimento global grandioso dirigido por Deus.

**Lidio Alberto Ramón Díaz**

Villahermosa, Tabasco

MÉXICO

### Apreciada na França

Há numerosos leitores franceses de *Diálogo* que elogiam sua revista, e sou um deles. Deleitamo-nos com a rica variedade de artigos que aparecem em cada número. As nuances de pensamento expressas repetidas vezes em *Diálogo* constituem realmente um diálogo — não um monólogo — promovendo a liberdade proclamada e promovida pelo apóstolo Paulo. Desejamos comunicá-lhes, sem mais demora, nosso testemunho da grande satisfação de seus leitores franceses.

**Henri Dufrenelle**

**Comde de Bousies**

Jonchery-sur-Vesle, FRANÇA

### Justamente o que precisávamos

Sou natural de Portugal e estudo

numa universidade longe de minha terra. Minha irmã, que mora em Portugal, enviou-me dois exemplares de *Diálogo*. Fiquei tão cativada por seu conteúdo que imediatamente decidi fazer uma assinatura. Esta revista é justamente o que estudantes universitários adventistas precisavam. Por favor, usem o número do cartão de crédito de meu marido para começar nossa assinatura. Não quero perder um só número!

**Maria Augusta Landin**  
Landin@online.no  
Sundbyfoss, NORUEGA

## Que devo fazer agora?

Como estudante universitário adventista, escrevi-lhes há algumas semanas expressando a dificuldade que meus colegas e eu temos em receber *Diálogo* regularmente. Os senhores me enviaram um exemplar do último número, o que apreciamos, e seguindo suas instruções escrevemos ao representante da CAUPA em nossa União. Contudo, não houve resposta. Que devo fazer agora para receber os números seguintes de *Diálogo*?

**Nimrod S. Mangilog**  
Banga, Aklan, FILIPINAS

*Os editores respondem:*

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem um plano, aprovado pelos líderes mundiais, que dá direito a estudantes adventistas que freqüentam faculdades e universidades não-adventistas a receber *Diálogo* gratuitamente. Este plano envolve um compromisso da parte da Associação Geral, de cada Divisão mundial, da União e por vezes da associação ou missão local. É possível que o representante da União a quem você escreveu não tenha recebido sua carta ou não tivesse mais cópias da revista para distribuir em sua região. Sabemos que há milhares de universitários adventistas em seu país.

Estamos-lhe enviando um outro exemplar de *Diálogo* com nossos cumprimentos. Para receber os números futuros, você tem duas opções: Pode escrever ao representante de *Diálogo* para sua Divisão (o nome e o endereço aparecem na página 2 da revista) ou você e seus amigos podiam se quotizar e juntos comprarem uma assinatura de *Diá-*

*logo, usando o cupom incluído em cada número. Isso permitiria a seu grupo receber a revista regularmente por via aérea.*

## Mais sobre ficção

Gostaria de reagir à carta que Ariel Sergio Gomez escreveu (*Diálogo* 9:3) criticando o artigo de Scott Moncrieff sobre “Adventistas e ficção: Outra consideração” (8:3). Todos nós temos muito que aprender da “multiforme sabedoria de Deus” (Efésios 3:10), e requereria mais espaço do que é disponível aqui para mostrar a fraqueza dos argumentos de Gomez. Ficção literária é um dos modos em que a criatividade e imaginação se manifestam. Os escritores, obviamente, podem usar estes dons do Criador para o bem ou para o mal. O mesmo se aplica aos leitores. Mas considerar ficção literária inerentemente má seria, em última instância, uma tentativa de impor limites a Deus, que criou seres humanos à Sua imagem. Este é um risco que não ousamos assumir.

**Marcos Rubén Paseggi**  
Univ. Adventista del Plata  
Libertador San Martín  
ARGENTINA

## Uma descoberta extraordinária

Durante uma visita à igreja adventista em Mosul, tive contato com *Diálogo* pela primeira vez e o li de capa a capa. Que descoberta extraordinária! Como cristão solteiro de 30 anos, gostaria de trocar correspondência com crentes em outras partes do mundo. Escrevam por favor em inglês ou árabe ao meu endereço: P.O. Box 10072; Bilat al-Shohada A.D.; Mosul; Iraque.

**Bashar Shamoun**  
Mosul, IRAQUE

## Ainda procurando

Sou estudante de direito, de 22 anos. Embora não seja adventista do sétimo dia, aprecio cada número de *Diálogo* que um amigo adventista me empresta. Admiro sua dedicação a Jesus Cristo e a vida que os adventistas vivem. Através de *Diálogo* também soube que há adventistas em todo o mundo. Presentemente não sou membro de nenhuma

igreja, mas falo com Deus onde quer que me encontre. Sei, porém, que muitas de minhas questões profundas seriam respondidas se me unisse a uma igreja. Entrementes, continuo procurando verdade e certeza. Gostaria de trocar idéias em espanhol com leitores de *Diálogo*. Meu endereço: Calle Neptuno #19, Urbanización Galaxia, Las Caobas, Santo Domingo, República Dominicana.

**Maria Ureña**  
REPÚBLICA DOMINICANA

## O futuro da clonagem

Recebi faz pouco tempo um exemplar de *Diálogo* como presente e descobri que a igreja publica uma revista especialmente para nós, estudantes universitários adventistas. E é gratuita! Fiquei especialmente impressionado pelo artigo sobre engenharia genética (9:2) e me pergunto até onde essas experiências nos levarão. Permitam-me sugerir que publiquem um artigo sobre “clonagem humana”. Este é um tópico bastante debatido aqui. Como nos deveríamos relacionar com esta possibilidade, como cristãos que crêem na Bíblia?

**Cherian K. Varghes**  
Kottarakara, Kerala, ÍNDIA

*Os editores respondem:*

Obrigado, Cherian, por sua boa sugestão. Já pedimos a um especialista em bioética e a um cientista adventista para juntos escreverem esse artigo. Mantenha contato com *Diálogo*!

## Escrevam-nos!

Apreciamos seus comentários, reações e perguntas, mas limitem suas cartas a 200 palavras. Escrevam para *Dialogue Letters*: 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; E.U.A. Podem também usar fax: (301) 622-9627, ou E-mail: 74617.464@compuserve.com. Cartas escolhidas para publicação poderão ser resumidas por questão de clareza ou espaço.

---

# Ainda que caíam os céus

**Greg A. King**

*Firmeza num mundo de*

*secularismo, relativismo e*

*incoerência moral.*

**H**á dois anos, durante uma viagem a Israel, visitei *Yad Vashem*, o Museu do Holocausto. Se você já esteve em *Yad Vashem* ou em um museu semelhante em Washington, D.C., pode saber que experiência memorável — deprimente seria mais preciso — se tem. Caminhei pelo salão pungente e inesquecível das crianças, onde uma voz recita nome após nome de menores cujas vidas foram abreviadas durante aquela loucura. Vi a singeleza das pedras gravadas em memória de todos os judeus que morreram nas câmaras de gás em Dachau, Treblinka, Sobibor, Auschwitz, e nas outras casas de horror que Hitler e seus capangas construíram.

Se houve uma nota positiva durante minha triste turnê, foi a caminhada pela Avenida dos Gentios Justos. Este caminho é cercado de árvores plantadas em homenagem a não-judeus que trabalharam para livrar judeus das garras da morte, às vezes ao custo da própria vida. Uma pessoa após outra é lembrada por uma árvore e uma placa. Uma delas é John Weidner, o pastor adventista do sétimo dia que quase perdeu a vida como chefe da ação de resistência Holanda-Paris e cuja irmã morreu nas mãos dos nazistas.<sup>1</sup>

## **Haveria eu de me arriscar?**

Ao refletir sobre *Yad Vashem*, eu me pergunto: Tenho a coragem moral de um John Weidner? Outras situações além do holocausto também evocam este tipo de pergunta. Haveria eu de me meter no meio de uma turba irada para salvar alguém de outro grupo étnico, como aconteceu em Los Angeles há poucos anos? Esquecer-me-ia de minha própria segurança para salvar uma pessoa após outra, enquanto mergulhava dentro das águas gélidas do Rio Poto-

mac em Washington, D.C., como um indivíduo corajoso fez depois do malfadado vôo da Air Florida alguns anos atrás? Recusaria participar de uma competição nas Olimpíadas, se fosse programada para o meu dia de culto, provavelmente perdendo minha melhor oportunidade de ganhar uma medalha de ouro, como fez Eric Liddel em *Carruagens de Fogo*? Em resumo, são minhas ações baseadas em princípios e não em expediente? Estou disposto a “ficar firme pelo que é reto, ainda que caíam os céus”, nas palavras de E. G. White?<sup>2</sup>

Não obstante nosso profundo desejo de exibir coragem moral, de tomar decisões baseadas em princípios, nem sempre é fácil viver deste modo na sociedade moderna. Com efeito, é tão difícil como a árdua tarefa de escalar o Monte Everest. Quando avançar torna-se penoso, é geralmente mais fácil assentar-se do que ficar firme pelo que é reto ainda que caíam os céus. Por quê? Há várias razões, mas uma é certamente a tentação apresentada pela mentalidade e os valores do pós-modernismo. Esta mentalidade envolve o modo de pensar e de avaliar regularmente promovido pela mídia e os líderes do pensamento e do entretenimento, uma mentalidade inimiga do compromisso espiritual e do desenvolvimento moral. Bom número de tendências na sociedade contemporânea procura tentar os cristãos a abandonar a maneira como devíamos pensar e viver. Estas tendências nos apresentam alguns dos piores desafios ao escalar nosso Everest e ficar firmes pelo que é reto.

## **A tendência do secularismo**

Exatamente quais são essas tendências? Precisamos identificá-las com precisão, do mesmo modo que os médicos precisam diagnosticar corretamente a

fim de prover o tratamento apropriado aos seus pacientes. A primeira tendência é o secularismo. Sob certos aspectos, o secularismo é a religião popular de nossa época. O russo Soljenitzyn, que ganhou o prêmio Nobel de literatura, assim se expressou: “Se me pedissem para identificar brevemente o principal traço do século vinte, aqui também eu não acharia nada mais preciso e breve do que repetir mais uma vez: ‘Os homens se esqueceram de Deus’”.

Como Phillip Johnson e outros documentaram, o naturalismo filosófico, com sua ideologia materialista concomitante, domina as principais instituições da sociedade moderna.<sup>3</sup> Esta filosofia exclui o sobrenatural e portanto nega a realidade de um Deus criador transcendente. O naturalismo é uma religião fundamentalista por conta própria, pois é um sistema fechado, e seus adeptos têm a tendência de denegrir e diminuir qualquer um que ponha em dúvida a ortodoxia estabelecida.

A melhor jóia roubada pelos devotos da religião do secularismo é o sistema educacional. Ocorreu tão gradualmente que precisamos olhar para os vestígios do passado para nos lembrarmos de como era antes. Por exemplo, é difícil imaginar que no centro do campus da Duke University, hoje famosa por seus campeonatos de basquete, haja uma placa que reza: “Os objetivos da Duke University são afirmar a fé na união eterna de conhecimento e religião, exemplificada nos ensinamentos e no caráter de Jesus Cristo, o filho de Deus”. Era isso que a Duke University defendia outrora. Hoje, qualquer afirmação de que Duke é uma universidade cristã esbarra numa tempestade de protesto — ou gargalhadas. Duke assim se junta a Harvard, Yale e muitas outras instituições acadêmicas de prestígio que desceram por essa via de mão única — de mão única porque nenhuma universidade está indo na direção da descrença para a fé. As escolas desceram pela vereda florida, encaminhando-se, como o livro do historiador da igreja George Marsden expressa: *From Protestant Establishment to Established Nonbelief*.<sup>4</sup>

Não nos iludamos imaginando que

os cristãos, inclusive os adventistas, sejam imunes à religião do secularismo. Porque o ponto de vista secularista permeia a sociedade contemporânea, especialmente as instituições acadêmicas, nós por vezes nos achamos lutando com a crença num Deus pessoal, a validade da oração, ou a realidade da Bíblia como a revelação de Deus à humanidade.

### A tendência do relativismo moral

Outra tendência que permeia a sociedade contemporânea é o relativismo moral, ou o que Robert Simon chama “fobia do absoluto”, isto é, o medo, a negação ou o descrédito de absolutos morais.<sup>5</sup> O artigo de Simon e um outro artigo num número recente de *The Chronicle of Higher Education*, ambos publicados sob o título: “Abstendo-se de Julgamento Moral: Estudantes Que Se Recusam a Condenar o Impensável”, sublinham a recusa de pronunciar julgamentos morais, a qual prevalece na sociedade contemporânea. No artigo complementar, Kay Haugaard, que leciona no Pasadena City College, conta uma experiência recente em seu curso de redação criativa.<sup>6</sup> Pediu aos estudantes que lessem uma história de ficção de Shirley Jackson sob o título “A Loteria”, que descreve um ritual anual numa vila americana. O ritual é horrível, porque a loteria escolhe um candidato para o sacrifício humano anual. Este ritual macabro é considerado como a garantia de uma boa colheita. Qualquer habitante que duvide do ritual é rapidamente silenciado. Na história, uma mulher chamada Tess Hutchinson é a infeliz vítima. Quando o marido tira o bilhete fático de uma caixa preta, ela é apedrejada até morrer pelos moradores da vila, incluindo seu filho de quatro anos.

Segundo a professora Kay Haugaard, as classes de anos anteriores tinham sempre tirado as conclusões e lições que a autora pretendia com esta história fictícia. Tinham como regra salientado os perigos inerentes de uma abordagem irrefletida de rituais e hábitos, sem examinar cuidadosamente sua razão de ser. Além disso, os estudantes sempre tinham reconhecido o poder da pressão

pública e o perigo de sucumbir a ela. A história nunca tinha deixado de apelar a seu sentimento de certo e errado.

Mas desta vez, a discussão sobre a história descambou para direções diferentes. Um aluno comentou: “Bem, eu dou um curso para nosso pessoal do hospital sobre compreensão multicultural, e se é algo parte de uma cultura, somos ensinados a não julgar, se isso deu certo para eles” e assim por diante. Outro estudante sugeriu que talvez o sacrifício humano não devesse ser condenado, se era um ritual que fazia parte de uma religião antiga. A Professora Haugaard escreveu: “Fiquei estupefata: Esta era a mulher que escrevera tão apaixonadamente sobre salvar as baleias, preocupar-se com florestas tropicais, e sobre como salvou um cão vira-lata e cuidou dele”.<sup>7</sup>

Haugaard conclui seu artigo dizendo: “Desisti. Ninguém na classe de mais de 20 indivíduos aparentemente inteligentes se arriscaria a tomar posição contra o sacrifício humano...Fiquei abalada, e concluí que a autora, cuja história chocara a tantos, ficaria ela mesma chocada. A aula finalmente terminou. Era uma noite quente quando caminhei para meu carro depois das aulas, mas me senti arrepiada, gelada até aos ossos”.<sup>8</sup>

Enregelar-se até aos ossos é correto, porque, segundo os resultados de uma investigação publicada em *The Day America Told the Truth*, 23 por cento dos que responderam disseram que, por dez milhões de dólares, estariam dispostos a ser uma prostituta durante uma semana, 16 por cento disseram que abandonariam seus cônjuges e 7 por cento, que matariam um estranho.<sup>9</sup> Enregelar-se até aos ossos é correto quando um terço dos que responderam ao levantamento do Grupo de Pesquisa Barna, em 1997, disseram que ver material pornográfico é uma questão de gosto, não de moralidade. Tristemente, no mesmo estudo, 84 por cento dos que responderam alegavam abraçar a fé cristã.<sup>10</sup>

Naturalmente, há um elo óbvio entre o desafio do relativismo moral e o do secularismo. A religião do secularismo, com sua negação de um Deus

transcendente, eliminou a base para a ética, deixando o ser humano, como meu amigo William Johnsson argumentou num recente editorial da *Adventist Review*, “mergulhado num mar de relativismo”.<sup>11</sup> Sim, o secularismo desligou a sociedade de suas amarras e nos deixou à deriva num mar sem bússola moral. Dostoevsky acertou quando disse: “Se não cremos em Deus, tudo é permissível”.

### **A tendência de um viver incoerente**

Uma terceira tendência é o domínio de um viver bifurcado ou incoerente. Muita gente vive vidas dicotômicas e por vezes exhibe a profunda contradição entre crenças e conduta, entre doutrinas e atos. Os exemplos são abundantes. Um exemplo comum e fácil é o de pregadores de televisão que pretendem ser seguidores de Jesus, enquanto enchem os bolsos com contribuições que suas lágrimas extraíram dos espectadores. Há o caso do colonista que advoga fortemente o controle de armas, o qual acabou sendo pego com uma arma não registrada. Vem-me à mente um conhecido, que por várias vezes se pronunciou contra a imigração ilegal, embora ele mesmo se tivesse envolvido num casamento fingido para ajudar uma mulher a tornar-se cidadã, porque isso lhe grangeou uma boa soma.

Estas tendências infiltraram-se na igreja cristã e a infectaram. Como J. I. Packer afirmou certa vez: “As pessoas dizem que crêem em Deus, mas não têm nenhuma idéia de quem seja Aquele em quem crêem, e que diferença o crer nEle possa fazer”.<sup>12</sup>

Precisamos reconhecer que não somos imunes a essas tendências. Temos inalado profundamente os vapores tóxicos do secularismo, relativismo e do viver incoerente — e alguns de nós quase sucumbimos. Como a criança na casa do fumante é afetada adversamente pelo ar que respira, assim todos nós em um grau maior ou menor somos influenciados pelo meio intelectual que permeia o final do século 20. Somente pela graça de Deus, somente sendo revestidos com Sua armadura (ver Efésios 6:11-17) podemos resistir a estas ten-

dências. E a menos que resistamos, ser-nos-á impossível atender o apelo divino para ficar firmes pelo que é reto ainda que caiam os céus.

### **Firmes pelo que é reto**

Uma história comovente apresenta o exemplo de dois estudantes universitários que resistiram e ficaram firmes pelo que é reto. Talvez você tenha visto o vídeo intitulado *The White Rose* [A Rosa Branca] ou lido um dos muitos livros sobre ele. “A Rosa Branca” foi o nome escolhido por um grupo de estudantes alemães que, inspirados por sua devoção a Cristo e galvanizados pela coragem moral de um de seus professores, decidiram protestar contra os males do nazismo.<sup>13</sup>

Hans e Sophie Scholl, que eram talvez os mais famosos desses estudantes, não tinham sido cristãos particularmente devotos durante sua infância. Mas ao saírem para a escola e encontrarem pessoas como Carl Muth, cristão devoto e editor de uma revista banida pelos nazistas, começaram a ver o cristianismo sob nova luz. Começaram a explorar a filosofia cristã e a ler importantes livros cristãos. O Espírito de Deus trouxe convicção a seus corações e em 7 de dezembro de 1941 Hans escreveu a um amigo: “Estou pensando em você neste segundo domingo do Advento, que estou experimentando como cristão sincero pela primeira vez em minha vida”.

Sophie, por outro lado, anotou em seu diário: “Oro por um coração compassivo, pois como poderia amar de outro modo?” Ela lutou com as questões difíceis que todos enfrentamos por vezes, perguntando: “Como é possível que Deus seja soberano, que Cristo seja Senhor, e haja tanta injustiça e sofrimento?” Com a passagem do tempo, as raízes tanto de sua fé religiosa como a de Hans tornaram-se mais profundas e fortes, adquirindo maior intensidade e uma definição mais firme. Como sua irmã mais velha o descreveu mais tarde: “O Evangelho de Cristo tornou-se o critério de seus pensamentos e ações”.

Ao continuarem seus estudos universitários, Hans e Sophie começaram a

sentir que eram responsáveis pela Alemanha. Ao Hans notar os males que permeavam a sociedade alemã e a resistência mínima que lhes era oferecida, perguntou ao ponto: “Onde estão os cristãos?” Mais suavemente Sophie escreveu: “Quero participar dos sofrimentos destes dias. A simpatia torna-se oca se a gente não sente dor”.

O ponto decisivo veio uma noite, quando Hans foi o único estudante convidado para uma reunião social na casa de um dos professores da Universidade de Munique. A conversa voltou-se para a política. Como dentro do grupo não se conheciam muito bem, era um assunto perigoso. Todos concordaram que a cultura alemã estava se deteriorando. Uma pessoa sugeriu que o único modo de aturar os nazistas era agüentar firme, cuidar de suas obrigações culturais e tarefas como estudantes, e de suportar o pesado.

A essa altura, Hans interrompeu com uma observação cáustica. “Por que não alugamos uma ilha no Egeu e oferecemos cursos sobre filosofia?” A atmosfera deve ter-se tornado glacial após um comentário tão impertinente. Mas Kurt Huber, o professor de filosofia, foi galvanizado por essa impertinência. Exclamou: “Algo deve ser feito, e deve ser feito agora!” O professor Huber começou a ajudar os estudantes da “Rosa Branca”, e durante os dois anos seguintes produziram e distribuíram um certo número de folhetos realçando os males do partido nazista.

Mas o inevitável aconteceu. Na quinta-feira, 18 de fevereiro de 1943, quando Hans e Sophie levavam seus últimos folhetos ao campus da universidade para serem distribuídos, foram presos. E embora não divulgassem nome algum, sua detenção foi seguida rapidamente pela de outros membros da “Rosa Branca”. O professor Huber, que até ao fim foi o único professor da universidade a apoiar abertamente a “Rosa Branca”, foi também preso. No julgamento que precedeu sua execução, afirmou: “Minhas ações e intenções serão justificadas pelo curso inevitável da

*Continua na pág 23.*

---

# Duas culturas, um casamento

**Reger C. Smith**

*Quais são os fatores*

*conhecidos que podem levar a*

*casamentos problemáticos ou a*

*casamentos bem-sucedidos*

*entre duas culturas?*

**A**contece o tempo todo. Uma mulher branca se casa com um coreano. Um estudante americano louro vai ao Japão como estudante missionário, enamora-se de uma moça de lá e a traz para casa a fim de apresentá-la a seus pais. Um estudante indiano nos Estados Unidos “fecha o nó” com uma colega etíope.

Esses casamentos entre duas culturas estão aumentando, à medida que as barreiras a tais uniões vão diminuindo em quase todas as regiões do mundo. Mas o que acontece num casamento entre pessoas de culturas diferentes? Que impacto têm fatores ambientais sobre o casamento entre duas culturas? Onde ficam as crianças? Que efeito têm tais casamentos sobre a experiência religiosa? Que fatores podem contribuir para o sucesso em casamentos inter-raciais?

## **A dinâmica do casamento inter-racial**

Do ponto de vista genético, não há impedimentos a casamento inter-racial. Portanto, os fatores que ajudam ou prejudicam o sucesso de casamentos mistos quando comparados com casamentos dentro de uma cultura não são genéticos, mas ensinados e aprendidos por indivíduos vivendo numa comunidade. Grupos e indivíduos “falam” através de afirmações implícitas e usualmente não escritas que se tornam pressões culturais — “devem” e “não devem” — que podem afetar as decisões de parceiros em potencial antes do casamento e a qualidade do casamento depois.

Quando as pessoas chegam ao ponto em que escolhem parceiros para a vida, certo número de fatores de desenvolvimento estão também se processando. Em geral, estão concluindo seus estudos

e preparando-se para uma carreira. Estão avançando para a independência e maturidade, embora culturas diferentes possam ligar sentidos diversos a tais conceitos. Estão descobrindo seus papéis individuais, tanto em termos de sexo como de responsabilidade individual — um processo que pode ser complicado ao atravessar barreiras étnicas, visto que diferentes culturas têm modos diferentes de definir esses papéis, particularmente se têm a ver com sexo.

Cada cônjuge traz para o casamento uma lista (não escrita, naturalmente) do que fazer ou não fazer, do que dizer ou não dizer. Estas listas individuais aprendidas em diferentes ambientes culturais ou raciais podem ser tão diferentes que os mal-entendidos e conflitos se tornam inevitáveis. Quando diferenças raciais ou culturais são adicionadas a diferenças de família, região ou classe, a probabilidade de surgirem problemas aumenta. Pequenas diferenças culturais podem causar grandes mal-entendidos. Eis alguns exemplos corriqueiros:

- *Revelação.* A cultura freqüentemente dita a qualidade e a quantidade de informação pessoal que deve ser partilhada entre cônjuges e com pessoas fora do casamento.
- *Demonstração de carinho.* Quanto carinho, e que formas de afeto são permissíveis entre os cônjuges, em particular ou em público? Que demonstração de carinho é apropriada entre cônjuges e um amigo de fora?
- *O papel dos sexos.* Quão rígida é a divisão entre atividades “masculinas” e “femininas” dentro e fora do lar?
- *Lazer.* Como os cônjuges partilham o lazer? Que tipo de lazer deve ser desfrutado longe do cônjuge?

- **Etnocentrismo.** Isso se refere à tendência de olhar para tudo de seu próprio ponto de vista, o que naturalmente é condicionado pelo fundo cultural. Por exemplo, quando um americano fala da altura “normal” de uma pessoa, significa provavelmente 5 pés e 10 polegadas (um metro e setenta e cinco). Mas para um japonês, “normal” pode significar algo diferente. Número normal de refeições por dia pode referir-se a três numa cultura, a duas noutra. A submissão de uma esposa pode ser uma virtude numa cultura, e reprovada noutra.

Outras diferenças potencialmente problemáticas incluem as relações com os pais e parentes, o direito de tomar decisões entre parceiros e a criação e disciplina dos filhos.

Estas e outras questões similares devem ser discutidas cabalmente *antes* do casamento. Tais discussões esclareceriam os sentimentos e expectativas do casal.

### **Impacto do ambiente sobre o casamento**

As sociedades diferem quanto à aceitação de casamentos mistos. As diferenças culturais estão-se tornando mais políticas em muitas partes do mundo. Embora possam não existir barreiras legais a casamentos entre raças diferentes, o preconceito e a discriminação continuam. A discriminação pode incluir alojamento, oportunidades de trabalho, piadas, olhares e observações rudes ou ofensivas.

Numa sociedade como nos Estados Unidos, quanto maiores as diferenças percebidas entre o grupo racial dominante e outro grupo racial qualquer; quanto mais preconceito e discriminação aquele grupo tem experimentado, tanto mais negativamente a sociedade dominante considerará o casamento com membros daquele grupo.<sup>1</sup>

Pessoas que escolhem parceiros de casamento enquanto estão longe de parentes, do ambiente familiar e de contatos sociais, podem não ter a perspectiva equilibrada de avaliar objetivamente as

características físicas e emocionais de um amigo de outra cultura e sua compatibilidade numa união em potencial. Sua carência emotiva pode ser afetada pela solidão. Seu julgamento pode ser limitado por uma falta de “normais” a serem usados como coordenadas de referência. Sob estas circunstâncias, poderia ser útil levar para casa um parceiro em potencial para uma visita prolongada, de modo que ele ou ela possa observar e relacionar-se com um ambiente doméstico diferente. “Casar-se com um indivíduo de outra cultura significa casar-se com aquela cultura também. Falta de interesse partilhado ou a suposição de um dos parceiros de que um cônjuge seja desligado de sua cultura ocasiona a mais grave espécie de problemas”.<sup>2</sup>

Esta perspectiva entre duas culturas torna-se complicada com o conceito de aculturação — um processo no qual os de fora de uma cultura adotam atitudes, valores e comportamentos da cultura do país. A aculturação pode modificar a forma ou a intensidade da cultura original do novato, o que leva casais durante o noivado a fecharem os olhos às diferenças culturais e aos possíveis problemas. Estes parzinhos tenderiam a minimizar o impacto de diferenças culturais, uma vez que o noivado tende a “acentuar o positivo”.

Além de conhecer a cultura do indivíduo é preciso conhecer a estrutura da família do indivíduo. A família interpreta e transmite a cultura, e, por essa razão, pode influenciar de modo significativo e mesmo determinar o papel e as responsabilidades da família no casamento.

Muitos cônjuges de raças diferentes podem ser capazes de resolver os problemas que surgem no casamento, mas seus filhos têm dificuldades. Crianças de raça mista são freqüentemente vistas como pertencendo a uma raça “minoritária” — o grupo racial representado no casamento com menos poder e *status*. Nos Estados Unidos, os descendentes de casamentos entre pretos e brancos são usualmente considerados pretos.<sup>3</sup> Com efeito, qualquer mistura racial que inclua até mesmo uma fração de sangue

preto é considerada preta. Por conseguinte, crianças de raça mista nos Estados Unidos são geralmente tratadas como descendentes de pretos.

A chegada de crianças a uma família traz mudanças. Embora as pessoas desejem e amem as crianças, geralmente confessam menor satisfação na relação marital durante os anos mais cruciais na criação dos filhos. Pais de fundo cultural muito divergente quase parecem estar falando duas línguas diferentes ao se comunicarem sobre a criação dos filhos.

O desenvolvimento de identidade e o senso de segurança dos filhos de casamentos mistos são favorecidos pela consideração positiva dos pais por ambas as raças, por sua conversa franca acerca de ambas as heranças e provendo exemplo positivo, acesso a eventos culturais, etc.

### **Casamento misto e religião**

Duas passagens bíblicas devem ser notadas. Primeira: “Não vos ponhais em jugo desigual” (II Coríntios 6:14). O contexto da passagem claramente proíbe qualquer aliança que possa comprometer o evangelho. Embora o verso se refira primariamente à mistura de sistemas religiosos incompatíveis, pode ser interpretado como significando casamentos que unem aqueles que servem a Deus com aqueles que O não servem.

Segunda: Deus “de um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra” (Atos 17:26). O que essa passagem enfatiza é a igualdade de todos. Deus não reconhece qualquer divisão entre povos, seja racial, étnica, lingüística, tribal ou nacional. O poder do evangelho deve derribar estas barreiras e criar uma comunidade. “Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Jesus Cristo” (Gálatas 3:28). “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34). Isso significa que Deus não faz distinção nem dá *status* às pessoas com base na aparência exterior; Ele não faz distinção com base na categoria social, conhecimento, riqueza, nacionalidade ou raça. Significa isso que todos os que

têm as mesmas crenças podem casar-se?

Moisés constitui um bom exemplo. O líder de Israel casou-se fora de sua raça — com uma midianita. Mas Zípora partilhava o mesmo sistema de crenças que os israelitas, e seu pai era um sacerdote respeitado que temia a Deus. Contudo, Miriam, a irmã de Moisés, reprovava aquele casamento “fora de sua raça”. O ciúme fez com que Miriam e Arão enfocassem o casamento de Moisés e bisbilhotassem sobre sua mulher etíope. O Senhor dramaticamente demonstrou Seu desprazer com a atitude de Miriam e ela foi ferida de lepra (ver Números 12).

A posição bíblica sobre casamento fora de nossa fé é clara: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? ou que comunhão da luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e o Maligno? ou que união do crente com o incrédulo?...Por isso retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor” (II Coríntios 6:14, 15, 17).

Essa é uma proibição clara contra casamento fora de nossa fé. É uma advertência contra qualquer associação que venha a colocar crentes cristãos em situações comprometedoras. Certamente, tal proibição inclui também a relação marital.

#### **Casamento misto bem-sucedido**

A pesquisa tem demonstrado que os casamentos mistos bem-sucedidos têm vários fatores em comum. Os parceiros nesses casamentos tendem a casar-se quando um pouco mais velhos do que os parceiros da mesma raça.<sup>4</sup> Eles têm provavelmente noivados mais longos do que pares da mesma raça. Demonstram capacidade para a independência — ao pensar, tomar decisões e viver. Tendem a pertencer à classe média com instrução acima da média. Estiveram expostos a experiências entre culturas. Depois do casamento, geralmente vivem em áreas cosmopolitas.

#### **Uma palavra final**

Tendo dito tudo isso sobre casamentos entre raças ou culturas diferentes,

uma questão final precisa ser encarada. Quanto mais fatores os dois parceiros têm em comum, tanto maior é a probabilidade de que o casamento seja bem-sucedido. Se você está considerando esse tipo de casamento, faça a si próprio as seguintes perguntas: Temos nós a mesma fé? Quando chegar a noite de sexta-feira, onde estaremos nós — ambos dando as boas-vindas ao sábado ou um de nós vendo televisão? A fé, em vista do que foi visto acima nos dados bíblicos, não pode ser comprometida. Que tal nosso *status* social? Que tal a idade? Temos culturas suficientemente afins para permitir melhor entendimento mútuo? Que dizer dos sistemas de valores e do estilo de vida? Que alvos imaginamos para nossos filhos? A lista pode continuar indefinidamente. Mas lembre-se: quanto mais fatores em comum vocês dois têm, tanto mais provável que seu casamento seja bem-sucedido. O casamento não é nem uma precipitação nem uma transigência; é uma

decisão bem pensada, baseada sobre o amor e um compromisso eterno.

---

Reger C. Smith (Ph.D., Michigan State University) leciona no Departamento de Assistência Social na Andrews University. Ele é o autor de *Duas Culturas: Um Casamento* (Andrews University Press, 1996), do qual este artigo foi adaptado. Endereço do Dr. Smith: Andrews University, Berrien Springs, Michigan 49104; E.U.A. E-mail:smith@andrews.edu

#### **Notas e referências**

1. Reger C. Smith, *Two Cultures: One Marriage* (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1996), págs. 1-3.
2. Beulah F. Rothlich, “Dual-Culture Marriage and Communication”, *International Journal of Intercultural Relations* 12:35 (1988), pág. 42.
3. Ernest Porterfield, *Black and White Mixed Marriages: An Ethnographical Study of Black-White Families* (Chicago: Nelson Hall, 1978), pág. 3.
4. Smith, pág. 29.

## **Assinaturas**

**E**ntão...você quer ser um pensador, não meramente refletor dos pensamentos de outros? *Diálogo* continuará a desafiá-lo a pensar de maneira crítica, como cristão. Mantenha-se atualizado com os melhores pensadores adventistas e atividades ao redor do mundo. Participe de *Diálogo*!

Assinatura anual (3 números): US\$12,00; Números anteriores: US\$4,00 cada.

Gostaria de me inscrever para *Diálogo* em:

Inglês  Francês  Português  Espanhol.

**Números:**  Comece minha inscrição com o próximo número.

Gostaria de receber os seguintes números anteriores:

Vol. \_\_\_\_ Nº \_\_\_\_

**Pagamento:**  Estou incluindo um cheque internacional ou ordem bancária.

O número de meu cartão de crédito  Master Card ou  Visa

é \_\_\_\_\_ Válido até (data) \_\_\_\_\_

Por favor use letra de forma

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Endereço:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Envie para:** *Dialogue* Subscriptions, Linda Torske; 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; E.U.A. Fax: 301-622-9627.

---

# Catastrofismo? Sim!

**Ariel A. Roth**

*Um apanhado de como a ciência tem oscilado diante do papel do catastrofismo no estudo da história da terra.*

**B**em cedo, na manhã de 14 de novembro de 1963, a tripulação do navio pesqueiro *Isleifur II* notou um cheiro estranho de enxofre no ar, mas não lhe deu importância. Cerca de uma hora mais tarde, o barco, que navegava perto da costa da Islândia, começou a jogar de modo fora do comum. À fraca luz da aurora, a tripulação observou uma fumaça escura subindo no sul. Pensando que um navio se incendiara, foram verificar se havia alguma mensagem de S.O.S. pelo rádio, mas nada tinha sido captado. Olhando através de seus binóculos, o capitão notou colunas pretas irrompendo do mar a cerca de um quilômetro. A tripulação imediatamente suspeitou de um vulcão; afinal eles deviam saber, pois eram da Islândia, onde a atividade vulcânica é comum. O barco pesqueiro estava exatamente sobre a crista vulcânica do meio do Atlântico. Lá o fundo do oceano fica a cem metros abaixo do nível do mar, de modo que a atividade de um vulcão submarino podia ser facilmente observada da superfície do oceano.

A perturbação continuou o dia todo, com pedras, relâmpagos e uma coluna de vapor, cinza e fumaça subindo a 3 km no ar. Em cinco dias, onde antes havia apenas o oceano aberto, tinha-se formado uma ilha de 600 metros de comprimento (Figura 1). A ilha, mais tarde chamada Surtsey por causa do gigante mitológico *Surtur*, finalmente atingiu um diâmetro de quase dois quilômetros. Surpreendentemente, quando os cientistas visitaram a ilha, esta revelava a aparência de ter estado lá por muito tempo. Dentro de cinco meses, uma praia de aparência madura e um rochedo se tinham formado (Figura 2). Um dos investigadores comentou: "Aquilo que noutras partes pode levar milhares de anos... leva poucas sema-

nas ou mesmo poucos dias aqui". Em Surtsey somente poucos meses bastaram para criar-se um panorama tão variado e maduro que era quase incrível".<sup>1</sup>

Normalmente, em nossa terra relativamente plácida, as mudanças não ocorrem com muita rapidez, mas ocasionalmente fenômenos como a formação de Surtsey nos lembram que podem ocorrer mudanças catastróficas e rápidas.

## **Catastrofismo e uniformitarianismo**

O catastrofismo e o uniformitarianismo têm desempenhado um papel importante na interpretação da história da terra. O primeiro assume a ocorrência de fenômenos geológicos rápidos, ao passo que o segundo afirma o conceito contrário de mudanças pequenas, lentas e prolongadas. Os longos períodos requeridos para mudanças lentas e uniformes exigem que o relato bíblico de uma Criação recente seja abandonado, ao explicar a formação de camadas geológicas enormes e os fósseis que aparecem na superfície da terra. O uniformitarianismo se encaixa melhor com uma história de evolução prolongada e longas eras geológicas, ao passo que o catastrofismo se harmoniza melhor com o conceito bíblico de uma Criação recente e um subsequente Dilúvio universal. O Dilúvio bíblico, que poderia depositar as camadas geológicas rapidamente, representa um exemplo primordial de catastrofismo.

Ao longo da maior parte da história humana, o catastrofismo era uma teoria bem aceita,<sup>2</sup> como se vê na mitologia antiga e na antiguidade grega e romana. O interesse diminuiu durante a Idade Média, embora os árabes seguissem de perto Aristóteles, que cria em catástrofes. A Renascença testemunhou um

interesse renovado. Os fósseis marinhos achados em abundância nos Alpes eram freqüentemente explicados como o resultado do Dilúvio. Os séculos 17 e 18 viram tentativas de harmonizar a ciência com o relato bíblico da Criação e do Dilúvio. Não obstante, houve alguns detratores notáveis, como René Descartes (1596-1650), que sugeriu que a Terra se formou por um processo de esfriamento. Idéias ortodoxas começaram a ser modificadas, tais como sugestões de que o Dilúvio poderia ter resultado de causas naturais e que ele podia não ter formado todas as camadas de rochas sedimentares. Na França, Georges Cuvier (1769-1832) propôs catástrofes múltiplas, e durante este período alguns estudiosos advogaram o uniformitarianismo.

Ao mesmo tempo, na Inglaterra, havia um forte apoio a favor do Dilúvio bíblico por parte de autoridades como William Buckland, Adam Sedgwick, William Conybeare e Roderick Murchison. Nesse ambiente, publicou-se um livro que teria mais influência sobre o pensamento geológico que qualquer outro.

*Princípios de Geologia* apareceu em 1830.<sup>3</sup> Escrito por Charles Lyell, modificou fortemente o clima do pensamento geológico do catastrofismo para as mudanças estritamente lentas do uniformitarianismo. Em meados do século 19, o uniformitarianismo tinha-se tornado a opinião dominante e o catastrofismo uma teoria em declínio. Vários esquemas tentaram reconciliar o relato bíblico de uma Criação recente com as longas eras geológicas propostas pelo uniformitarianismo.

### O fenômeno Bretz

Em 1923, o geólogo de mentalidade independente, Harlen Bretz, descreveu uma das paisagens mais fora do comum na superfície de nosso planeta. Cobrindo uns 40 mil km quadrados na região sudeste do Estado de Washington (E.U.A.), ela é caracterizada por uma vasta rede de enormes canais secos, por vezes com a largura de vários quilômetros, formando um emaranhado de morros e gargantas cortados em rocha vulcânica dura. Diferente dos vales co-



**Figura 1.** A ilha de Surtsey, ao sul da Islândia, em formação. A esta altura, ela só tem quatro dias.



**Figura 2.** A nova ilha de Surtsey. Note a praia, o rochedo e as pessoas para uma idéia do tamanho. Os pequenos objetos brancos na praia em primeiro plano são "krill", crustáceos planctônicos que constituem alimento para baleias. As proeminências rochosas no horizonte distante não são parte da ilha. Cinco meses e dois dias antes, esta área era oceano aberto.

Ambas as fotos de Surtsey, por Sigurdur Thorarinsson. Copyright © 1964, 1966 por Almenna Bokafelagid. Usado com permissão de Viking Penguin, uma divisão de Penguin Putnam Inc.

muns de rios, os quais geralmente têm a forma de um V largo, estes canais freqüentemente mostram lados íngremes e chão chato. Além disso, enormes montes de pedregulho de correnteza foram encontrados em vários níveis. Evi-

dências de centenas de cachoeiras antigas, algumas com altura de 100 metros, com grandes bacias na base, testemunham de algo fora do comum.

Como se formou essa paisagem estranha? Bretz tinha sua idéia, suficien-

temente chocante para provocar uma controvérsia geológica que durou quarenta anos. Na primeira publicação sobre este tópico, Bretz não expressou sua suspeita de um dilúvio catastrófico; somente indicou que seriam necessárias quantidades prodigiosas de água.<sup>4</sup> Contudo, mais tarde no mesmo ano, ele publicou um segundo artigo expressando sua opinião segundo a qual aquela paisagem tinha sido formada por um dilúvio rápido e catastrófico. Esse dilúvio tinha lavado a área, desgastado os canais e depositado as imensas barragens de pedregulho.<sup>5</sup>

Naquele tempo os geólogos se opunham a qualquer explicação associada com catástrofes, e Bretz sabia disso. O uniformitarianismo era a opinião aceita; embora reconhecidos como exercendo impacto, os vulcões e terremotos eram considerados sem importância. O catastrofismo era anátema; achava-se na mesma categoria na qual se encontra a Criação em muitos círculos científicos agora — totalmente inaceitável. A comunidade geológica tinha de lidar com este arrogante jovem Bretz, que andava inteiramente fora da linha. Suas idéias heréticas eram muito próximas à rejeitada idéia do Dilúvio bíblico.<sup>6</sup> Adotar suas teorias, pensavam eles, significaria um retrocesso à “Idade Escura”.<sup>7</sup>

Sendo que Bretz, professor de geologia na Universidade de Chicago, continuava seu estudo e publicação, alguns geólogos tentaram persuadir o colega errante. Em 1927, ele foi convidado a apresentar suas opiniões perante a Sociedade Geológica de Washington, D.C. Havia um propósito especial atrás deste convite: “uma verdadeira falange de incrédulos tinha sido reunida para debater a hipótese de um dilúvio”.<sup>8</sup> Depois da apresentação de Bretz, cinco membros da prestigiosa U.S. Geological Survey apresentaram suas objeções e explicações alternativas, tais como glaciação e outras mudanças lentas.<sup>9</sup> Dois dos geólogos nem tinham visitado a área! Ao refutá-los, Bretz comentou que “talvez... minha atitude dogmática esteja se demonstrando contagiosa”.<sup>10</sup> Uma objeção maior à idéia de Bretz ficou sem resposta. De onde veio tanta água, tão

subitamente? Ao que tudo indica, ninguém mudou de idéia naquela reunião; a idéia de um dilúvio catastrófico ainda parecia absurda para muitos cientistas.

Nos anos seguintes, os geólogos se concentraram para desenvolver modelos alternativos ao de Bretz. Nas palavras de Bretz, a “heresia deve ser rejeitada gentil mas firmemente”.<sup>11</sup> Não obstante, estudos no local continuaram a produzir dados favoráveis a uma interpretação catastrófica, e o conflito começou a acalmar-se. Bretz e outros acharam uma origem para as águas do dilúvio. O antigo Lago Missoula, a leste, havia outrora armazenado 2.100 km cúbicos de água. Algumas evidências indicavam que gelo tinha represado o lago. Uma súbita ruptura do gelo liberaria a água necessária para produzir a evidência de uma erosão rápida vista do lado oeste. O melhor apoio para esta explicação veio mais tarde, quando cientistas acharam grandes ondulações tanto no Lago Missoula como no canal do lado ocidental. Você provavelmente está familiarizado com as ondulações paralelas freqüentemente vistas em leitos arenosos de um rio. Estas usualmente não passam de uns poucos centímetros de crista a crista. As ondulações no leito do Lago Missoula eram gigantescas — até à altura de 15 metros, com uma distância de 150 metros de crista a crista.<sup>12</sup> Somente vastas quantidades de água em movimento rápido poderiam produzir tal efeito. Estudos recentes têm-se concentrado em pormenores. Alguns sugerem que pode ter havido até oito dilúvios.<sup>13</sup> Um dos estudos sugeriu que a água correu à velocidade de 108 km por hora, cortando canais profundos na rocha vulcânica em poucas horas ou dias.<sup>14</sup>

Finalmente as interpretações de Bretz, baseadas num estudo cuidadoso das rochas, foram aceitas pela maioria dos membros da comunidade geológica. Em 1965, a Associação Internacional para Pesquisa do Quaternário organizou uma visita à região. No final da conferência, Bretz, que não pôde estar presente, recebeu um telegrama dos participantes, cumprimentando-o e encerrando com a sentença: “Somos agora

todos catastrofistas”.<sup>15</sup> Em 1979, Bretz recebeu a medalha Penrose, a distinção geológica de maior prestígio nos Estados Unidos. Bretz tinha vencido, assim como o catastrofismo. Este “Noé” moderno e seu dilúvio indesejado foram vindicados.

### Correntes de turbidez

Em meados do século 20, alguns geólogos tinham notado que o uniformitarianismo estrito contradizia os dados das próprias rochas. Bretz tinha achado evidências de ação muito rápida. Outros cientistas estavam achando camadas sedimentares com componentes tanto de água rasa como funda.<sup>16</sup> Como podiam estas se misturar sob condições tranquilas? A resolução: fluxos de lama catastróficos debaixo da água, partindo de água rasa para água profunda. Estes fluxos rápidos de lama, chamados *correntes de turbidez*, produziram depósitos especiais chamados *turbiditas*. Esses depósitos são surpreendentemente comuns em todo o mundo. Alguns pensadores ousados têm sugerido outras atividades catastróficas, tais como extinções em massa causadas por influxos de radiação cósmica de alta energia<sup>17</sup> e o espararar súbito de águas árticas sobre os oceanos do mundo.<sup>18</sup> Todas essas teorias indicam um abandono crescente do uniformitarianismo estrito.

O golpe de misericórdia para o domínio das explicações uniformitárias não veio, entretanto, do estudo das próprias rochas, mas dos fósseis que elas continham. Por que os dinossauros desapareceram perto do fim do Cretáceo, e por que houve outras extinções em massa visíveis em outros níveis da coluna de fósseis? Alguma causa razoável precisava ser encontrada. Várias explicações tinham sido propostas para a extinção dos dinossauros, desde a morte pela fome a cogumelos venenosos ou mesmo à febre do feno. Não obstante, seu desaparecimento costumava ser considerado um mistério. Então em 1980 Luís Alvarez, Prêmio Nobel, da Universidade da Califórnia em Berkeley, e outros<sup>19</sup> sugeriram que a abundância anormal do elemento irídio achado em vários lugares no alto das camadas do Cre-

táceo podia ser oriunda de um asteroide que teria caído na terra e matado os dinossauros. A idéia provocou uma reação mista. Alguns a puseram em dúvida porque os dinossauros e outros organismos não pareciam ter desaparecido tão subitamente nas camadas de fósseis. Outros propuseram atividade vulcânica generalizada, ou a colisão com um cometa e não com um asteroide.

O debate sobre detalhes continua, mas a porta para interpretações catastróficas está escancarada. As revistas científicas agora registram mudanças súbitas e importantes.

### Novas idéias do catastrofismo

Algumas das novas idéias do catastrofismo propõem que cometas ou asteroides poderiam levantar ondas do oceano até à altura de oito km<sup>20</sup> e gases a centenas de quilômetros acima da superfície da Terra.<sup>21</sup> Outros propuseram efeitos que incluem golpes de ar de 500°C com a velocidade de 2.500 km por hora, os quais matariam metade dos seres na terra, e terremotos globais acompanhados de ondas do solo que atingiriam 10 metros de altura. A abertura de rachaduras de 10 a 100 km e a formação rápida de montanhas também têm sido propostas.<sup>22</sup> Há inclusive uma sugestão de que esses choques podem ter iniciado a separação do antigo supercontinente chamado Gondwanalândia.<sup>23</sup>

O catastrofismo experimentou um retorno rápido, mas não é exatamente o catastrofismo clássico de dois séculos atrás, que incorporava o Dilúvio bíblico como um acontecimento geológico importante. É interessante que alguns geólogos sugeriram recentemente que um choque extraterrestre podia estar relacionado com o relato do dilúvio de Gênesis.<sup>24</sup> Atualmente, catástrofes importantes são prontamente aceitas, mas em contraste com o Dilúvio bíblico, que durou apenas um ano, é introduzido bastante tempo entre muitas grandes catástrofes. O termo *neocatastrofismo* parece estar ganhando aceitação, à medida que são feitas tentativas para distinguir o novo conceito do antigo catastrofismo. A volta a interpretações

## Cristiano



catastróficas tem sido identificada como uma “grande brecha filosófica”,<sup>25</sup> e admite-se que “o papel importante de grandes tempestades através das eras geológicas está sendo cada vez mais reconhecido”.<sup>26</sup> Esta última opinião harmoniza-se bem com o modelo bíblico do Dilúvio como uma série prolongada de tempestades durante o ano do Dilúvio.

O neocatastrofismo tem estimulado a reinterpretação de muitos fenômenos geológicos. Por exemplo, muitos depósitos sedimentares que se pensava terem-se acumulado lentamente, são agora interpretados como o resultado de correntes rápidas de turbidez, e certo número de recifes de coral fósseis, que previamente se pensava terem-se formado lentamente, são reinterpretados como fluxos rápidos de fragmentos de rocha.

### Exemplos de ação rápida

Sob condições normais, as mudanças na superfície da terra se produzem lentamente. Contudo, há muitos exemplos de atividade catastrófica que sugerem mudanças importantes em pouco tempo. A erosão pode ocorrer muito rapidamente. Em 1976, a represa recém-construída em Idaho (E.U.A.) sofreu um vazamento que não pôde ser contido, e a água corrente cortou através do sedimento à profundidade de 100 metros em menos de uma hora. A represa era feita em sedimento macio, que facilmente sofre erosão. Tem sido proposto que os canais de Bretz, mencionados acima, que são em basalto duro, foram cortados a uma profundidade correspondente em poucos dias. A capacidade

transportadora da água corrente foi determinada como crescendo à terceira ou quarta potência da velocidade.<sup>27</sup> Isso significa que se a velocidade do fluxo é aumentada 10 vezes, a água pode carregar mil a dez mil vezes mais sedimento.

Os não-criacionistas por vezes assinalam que a coluna geológica é demasiado espessa para ter sido depositada no único ano do Dilúvio.<sup>28</sup> Este pode não ser um argumento de peso. Enquanto a maioria dos criacionistas excluiria as porções mais baixas (Pré-cambriano) e as porções mais altas da coluna geológica do Dilúvio, algumas velocidades presentes de depósito são tão altas que haveria pouco problema em depositar toda a coluna em poucas semanas. As correntes de turbidez podem depositar sedimento num só local em poucos minutos ou menos, e sobre milhares de quilômetros quadrados em poucas horas. Grandes depósitos, chamados *megaturbiditas*, achados na Espanha, têm a espessura de até 200 metros, e um volume de 200 km cúbicos.<sup>29</sup> Há também vários métodos, além das correntes de turbidez, que causam o depósito rápido de sedimentos. Um Dilúvio intenso que durasse um ano poderia depositar muito sedimento.

O acúmulo de espessas camadas de organismos microscópicos tais como os de White Cliffs, em Dover, na Inglaterra, era tido como exigindo longos períodos de tempo. Mas uma acumulação tal pode ocorrer rapidamente. Ao longo da costa de Oregon (E.U.A.), uma tempestade de três dias de ventos fortes e chuva depositou 10 a 15 centímetros de diátomos microscópicos ao longo de 32 km. Vi o fóssil de um pássaro bem pre-

servado e muitos peixes em depósitos espessos de diátomos microscópicos perto de Lompoc, Califórnia. Uma baleia foi também achada neste depósito. Uma preservação como essa exigiria um enterramento rápido antes da desarticulação do organismo.<sup>30</sup> Verificou-se que a desarticulação em pássaros ocorre em poucos dias. Evidentemente, algumas camadas de organismos microscópicos foram depositadas rapidamente.

### Algumas deduções

Podemos aprender algo da história das interpretações baseadas no catastrofismo ou no uniformitarianismo. Durante milênios, as catástrofes foram aceitas; depois, por bem mais de um século, foram virtualmente eliminadas do pensamento científico; agora são bem-aceitas de novo. Isso ilustra como a ciência muda de opinião, e às vezes até aceita conceitos rejeitados. A Bíblia, por outro lado, não muda. É interessante que a aceitação das catástrofes veio principalmente do estudo das próprias rochas. Devíamos ser cautelosos ao aceitar conceitos gerais, tais como o uniformitarianismo, que são baseados em opinião ou numa quantidade limitada de informações. Ademais, as novas interpretações catastróficas, de novo aceitas pela ciência, mostram que acontecimentos importantes podem ocorrer rapidamente. Isso torna o relato bíblico das origens, incluindo a Criação e o Dilúvio, muito mais plausíveis.

*Ariel A. Roth (Ph.D., Universidade de Michigan) é o editor de Origens e ex-diretor do Geoscience Research Institute. Seu livro, Origins: Linking Science and Scripture, do qual este artigo é adaptado, foi recentemente publicado pela Review and Herald Publishing Association. O endereço do Dr. Roth: Geoscience Research Institute - Loma Linda University; Loma Linda, California 92350, E.U.A. Fax: (909) 824-92350. E-mail: griccmil.llu.edu*

### Notas e referências

1. S. Thorarinson, *Surtsey: The New Island in the North Atlantic*, S. Eysteinnsson, tr. (New York: The Viking Press, 1963). pág. 39.
2. Para apanhados gerais, ver D. Ager, *The New Catastrophism: the Importance of the Rare Event in Geological History* (Cambridge e New York: Cambridge University Press, 1993); A. Hallam, *Great Geological Controversies*, 2d ed. (Oxford e New York: Oxford University Press, 1989) págs. 30-64, 185-215; R. Huggett, *Cataclysms and Earth History: the Development of Diluvialism* (Oxford: Clarendon Press, 1980).
3. C. Lyell, *Principles of Geology; or The Modern Changes of the Earth and Its Inhabitants Considered as Illustrative of Geology*, ed. rev. (New York: D. Appleton & Co., 1857).
4. J. H. Bretz, "Glacial Drainage on the Columbia Plateau", *Geological Society of America Bulletin* 34 (1923): 573-608.
5. Bretz, "The Channeled Scablands of the Columbia Plateau", *Journal of Geology* 31 (1923): 617-649.
6. J. E. Allen, M. Burns, e S. C. Sargent, *Cataclysms on the Columbia: Scenic Trips to the Northwest's Geologic Past*, Nº 2 (Portland, Ore.: Timber Press, 1986), pág. 44.
7. J. H. Bretz, "The Channeled Scabland: Introduction", em V. R. Baker, ed., *Catastrophic Flooding: the Origin of the Channeled Scabland: Benchmark Papers in Geology* 55 (Stroudsburg, Penna.: Dowden, Hutchinson & Ross, 1981), págs. 18, 19.
8. Baker, pág. 60 (nota 7).
9. Para um relato das apresentações e discussões, ver J. H. Bretz, "Channeled Scabland and the Spokane Flood" em Baker, págs. 65-76.
10. *Ibid.* pág. 74.
11. J. H. Bretz, H. T. U. Smith, e G. E. Neff, "Channeled Scabland of Washington: New Data and Interpretations" *Geological Society of America Bulletin* 67 (1956): 957-1049.
12. *Ibid.*, J. T. Pardee, "Unusual Currents in Glacial Lake Missoula, Montana", *Geological Society of America Bulletin* 53 (1942): 1569-1600.
13. J. H. Bretz, "The Lake Missoula Floods and the Channeled Scabland", *Journal of Geology* 77 (1969): 505-543; M. Parfit, "The Floods That Carved the West", *Smithsonian* 26 (1995) 1:48-59.
14. V. R. Baker, "Paleohydraulics and Hydrodynamics of Scabland Floods" em: Baker, págs. 255-275 (nota 7).
15. Bretz 1969 (nota 13).
16. M. L. Natland, P. H. Kuenen, "Sedimentary History of the Ventura Basin, California, and the Action of Turbidity Currents", *Society of Economic Paleontologists and Mineralogists Special Publication* 2 (1951): 76-107; F. B. Phleger, "Displaced Foraminifera Faunas", *Society of Economic Paleontologists and Mineralogists Special Publication* 2 (1951): 66-75.
17. O. H. Schindewolf, "Neocatastrophism?" V. A. Firsoff, tr. *Catastrophist Geology* 2 (1977): 19-21.
18. S. Gartner e J. P. McGuirk, "Terminal Cretaceous Extinction Scenario for a Catastrophe", *Science* 206 (1979): 1272-1276.
19. L. W. Alvarez, W. Alvarez, F. Asaro, H. V. Michel, "Extraterrestrial Cause for the Cretaceous-Tertiary Extinction", *Science* 208 (1980): 1095-1108.
20. W. M. Napier, S. V. M. Clube, "A Theory of Terrestrial Catastrophism", *Nature* 282 (1979): 455-459.
21. H. J. Melosh, "The Mechanics of Large Meteoroid Impacts in the Earth's Oceans", *Geological Society of America Special Paper* 190 (1982): 121-127.
22. V. Clube, B. Napier, "Close Encounters with a Million Comets", *New Scientist* 95 (1982): 148-151.
23. V. R. Oberbeck, J. R. Marshall, e H. Aggarwal, "Impacts, Tillites, and the Breakup of Gondwanaland", *Journal of Geology* 101 (1993): 1-19.
24. E. Kristan-Tollmann, e A. Tollmann, "The Youngest Big Impact on Earth Deduced From Geological and Historical Evidence", *Terra Nova* 6 (1994): 209-217.
25. E. Kauffmann, citado em R. Lewin, "Extinctions and the History of Life", *Science* 221 (1983): 935-937.
26. D. Nummedal, "Clastics", *Geotimes* 27 (1982) 2: 22-23.
27. A. Holmes, *Principles of Physical Geology*, rev. ed. (New York: The Ronald Press Co., (1965), pág. 512.
28. E.g., R. L. Ecker, *Dictionary of Science and Creationism* (Buffalo, N.Y.: Prometheus Books, 1990), pág. 102.
29. M. Seguret, F. Labaume, e R. Madariaga, "Eocene Seismicity in the Pyrenees From Megaturbidites of the South Pyrenean Basin (Spain)", *Marine Geology* 55 (1984): 117-131.
30. P.G. Davis, D. E. Briggs, "The Impact of Decay and Disarticulation on the Preservation of Fossil Birds", *Palaio* 13 (1998): 3-13.



## Grace Adeoye

*Diálogo com uma conferencista e pesquisadora universitária da Nigéria.*

**M**ãe devotada. Evangelista dedicada. Conferencista especializada em doenças tropicais. Isso é apenas uma introdução à vida e ao ministério de Grace Adeoye, uma adventista do sétimo dia da Nigéria.

*Criada num lar adventista, Grace conheceu os limites da lei e o abraço da graça, não vendo dicotomia entre os dois. Como criança, via em sua mãe a disciplina estrita do adventismo. Mas, juntamente com a disciplina, experimentou o amor e a ternura de uma mãe cuja vida haveria de influenciar sua própria carreira como mãe, membro da igreja e profissional.*

*Enquanto adolescente, freqüentando a escola secundária, Grace teve um sonho no qual Jesus lhe pedia que fosse e contasse ao mundo sobre Sua breve volta. Uma mulher tornar-se pregadora? Na África? Isso era impensável, e assim o sonho foi esquecido como sendo muito irreal. Mas sua insistência nunca deixou Grace. Então em 1986, casada e já uma profissional, Grace dirigiu sua primeira campanha evangelística — a primeira vez que uma mulher adventista o fizera na Nigéria. E a cruzada foi um sucesso. “Glória e graças a Deus”, diz Grace, e continua fazendo isso desde então.*

*Grace Adeoye tem um Ph.D. em parasitologia da Universidade de Londres e leciona zoologia no departamento de ciências biológicas na Universidade de Lagos, na Nigéria. É casada e tem cinco filhos, com idades entre 12 e 20 anos. Faz parte da Comissão Mundial sobre Sexualidade Humana, da Igreja Adventista. Ela veio à sede mundial da igreja em 1997 para assistir à primeira reunião da comissão, quando falou sobre sua vida e fé.*

■ *Como foi você nomeada para a Comissão sobre Sexualidade Humana?*

Talvez a União da Nigéria tenha algo a ver com isso. Eles estavam familiarizados com minhas atividades, tanto na igreja como na comunidade. Tenho-me envolvido com o ministério da mulher em minha igreja por muito tempo. Há vários anos, com a ajuda de alguns membros, começamos um programa de exercícios para mulheres, realizado na igreja. A idéia espalhou-se para outras igrejas em Lagos. Hoje o programa é efetuado em muitas igrejas.

Também estive envolvida num programa de controle da AIDS na Nigéria. Logo estava participando como coordenadora da comissão do governo para o controle da AIDS e do HIV. Patrocina-mos alguns seminários em nível estadu-

al. Introduzimos o programa na Igreja Adventista. Como adventista, meu alvo era alcançar cada igreja da Nigéria com instruções sobre a sexualidade humana. Tínhamos de fazer isso para combater a praga do HIV que se alastrava pelo país.

Quando a Divisão África-Oceano Índico me nomeou para participar dessa comissão, considerei-me muito honrada.

■ *Seu trabalho para a igreja entra em conflito com sua profissão?*

Não. Ao contrário, eles se complementam. Como cristã dedicada à minha fé, posso trazer para a profissão todos os valores e as responsabilidades que a fé me impõe.

■ *Gostaria de dizer algo sobre sua profissão?*

Sou conferencista na unidade de zoologia do departamento de ciências biológicas na Universidade de Lagos. Ministro cursos de parasitologia e protozoologia em nível de graduação e pós-graduação. Também supervisiono seminários e projetos em vários tópicos relacionados com parasitos. Tenho alunos envolvidos em projetos de mestrado e doutorado. Além disso, estou envolvida em minha própria pesquisa, sob os auspícios da Organização Mundial da Saúde, da universidade e de várias organizações do governo.

■ *Como se tornou interessada em parasitologia?*

Meu primeiro diploma foi em educação e zoologia. Enquanto me preparava para o mestrado, interessei-me em coisas que têm a ver com os seres humanos. As doenças parasíticas que afetam pessoas são bastante comuns, e eu queria estudar o ciclo vital de certos parasitos. Achava que devia haver uma forma

de romper esses ciclos, de modo a livrar as pessoas dessas doenças. Assim, envolvi-me neste estudo e pesquisa, tanto em nível de mestrado como de doutorado.

■ *Tendo família, foi difícil prosseguir seus estudos?*

Felizmente, tenho um marido compreensivo e filhos maravilhosos. Com efeito, quatro de meus filhos eram parte de meu programa de estudo, pelo fato de terem nascido enquanto eu estava no colégio. Meu primeiro filho chegou dois dias depois de eu ter prestado um exame importante. Enquanto trabalhava no serviço nacional da juventude, nasceu meu segundo filho. Minhas duas filhas nasceram quando fazia meu mestrado. Já era professora, de modo que tinha de cuidar de quatro crianças enquanto trabalhava em tempo integral. Foram necessários quatro anos para concluir o programa de mestrado, em vez de dois como é o normal.

Quando minha quinta criança tinha um ano, deixei-a com meu marido e fui para a Inglaterra, a fim de começar o programa de doutorado.

■ *Não foi isso uma precipitação?*

Concordo que sim, mas eu realmente não tinha escolha em vista das circunstâncias. Dos dois mil e tantos candidatos da Nigéria para uma bolsa de estudos superiores na Inglaterra, fui uma dos 29 selecionados. Tinha de tomar uma decisão difícil. Continuar os estudos superiores ou ficar com a família? Orei bastante. Sabia que Deus haveria de mostrar o caminho. Antes mesmo de poder tomar uma decisão, meu marido encorajou-me a ir adiante. Talvez nunca mais tivesse uma tal oportunidade. Assim fui para Londres e fiquei separada de minha família por três anos.

■ *Qual foi sua especialidade em estudos doutorais?*

Queria escolher uma área que tivesse valor prático para meu povo na Nigéria. O país é afetado por dois problemas sérios de saúde, malária e esquistossomose. Escolhi o segundo, que é causado

por um parasito transmitido por caracol ou sua larva na água. Quando as pessoas vão lavar-se ou buscar água, a larva penetra em sua pele e vai para o baço e o fígado. A doença causa sangue na urina e nas fezes, e freqüentemente é fatal. Assim, escolhi estudar o parasito, e acho que pude ajudar a comunidade.

■ *Em sua juventude, quem a influenciou mais?*

Sem hesitação, minha mãe. Era uma senhora piedosa, muito devotada à fé e à vida adventista. Estava sempre envolvida com o trabalho da igreja, e nos envolveu também, logo que tínhamos idade. Ela queria que eu fosse uma testemunha de minha fé. Depois de minha mãe, meu irmão foi quem mais me influenciou. Ele era um exemplo, tanto nos estudos como no trabalho da igreja. Tem doutorado, mas o que mais admiro nele é seu empenho em testemunhar da fé. Ele é um pastor leigo.

■ *Foi assim que você se envolveu com evangelismo?*

Em certo sentido, sim. Mas aquele sonho que tive na adolescência nunca me deixou, realmente. Deus ajudou-me com a coragem necessária para dirigir uma série evangelística. Lembre-se de que isso foi na década de oitenta. Nenhuma mulher jamais tinha dirigido uma reunião pública na Nigéria. Mas a Sociedade de Dorcas constituiu uma boa cunha para eu abrir minha primeira série de reuniões. As mulheres vieram ajudar-me. Embora a igreja local achasse que devíamos trabalhar dentro da igreja e não ir pregar fora, sentimo-nos chamadas para fazê-lo. A primeira série em 1986 foi bem-sucedida e pudemos alcançar muitas pessoas. Na noite de abertura, quando meu tradutor e eu terminamos o sermão, houve uma grande excitação. As mulheres não permitiram que descêssemos da plataforma: elas literalmente nos carregaram. Mais tarde, os anciãos da igreja viram o que podia ser realizado por mulheres.

■ *Como é a situação agora?*

As opiniões mudaram, tanto dentro da igreja como na comunidade. Não é

fora do comum as mulheres pregarem na igreja e também dirigir reuniões evangelísticas.

■ *Tem você oportunidade de partilhar sua experiência cristã entre colegas?*

O cristianismo é algo que partilho cada dia. Se estão tendo alguma dificuldade, talvez um problema de família, sabem que estou disponível para ouvi-los. Tenho também dirigido Seminários do Apocalipse para alguns deles. Outros vieram assistir a programações de nossa igreja. Todos os meus colegas na universidade sabem de minha fé e de minha observância do sábado, e respeitam minhas convicções. Isso também é verdade quanto a meus alunos.

■ *Como nutre você a sua vida espiritual?*

Oro e medito bastante. Leio a Bíblia e, ao fazê-lo, deixo que Deus me fale. Também gosto de ler outros livros sobre diferentes aspectos da vida espiritual. Falo bastante em público, e ao preparar minhas palestras, cresço junto com meus ouvintes.

■ *Que gostaria de dizer a universitários e a jovens profissionais adventistas?*

Sempre ponha Deus em primeiro lugar; Ele habilita e dá forças. Segundo, não permita que ninguém ou que coisa alguma lhe roube a fé. Terceiro, onde quer que se encontre, partilhe sua fé.

## Entrevista por Mark Driskill.

*Mark Driskill é diretor de desenvolvimento na Rádio Mundial Adventista. Ele pode ser alcançado em <mdris@compuserve.com>*

*Endereço da Dra. Adeoye: Zoological Unit, Department of Biological Sciences, University of Lagos, Akoka, Yaba, Lagos, Nigéria. E-mail: <matdeplg@infoweb.abs.net>*



## Victor Issa

*Diálogo com um escultor adventista que tem uma visão do que é belo*

**U**m sorriso perene adorna seu rosto. É isso um símbolo de descoberta ou de realização? É difícil dizer, mas Victor Issa é um homem que combina o desafio da descoberta com a satisfação da realização em tudo que faz — no lar, na igreja e no trabalho. Afinal, é um artista que continua buscando, mesmo enquanto traz vida a suas idéias e forma à sua visão.

Issa nasceu na Síria e foi criado no Líbano. A influência daquelas terras antigas deixou marcas em sua mente jovem. Como menino, cresceu com séculos de civilização ao seu redor e revelava um apreço especial pelo belo e criativo. Assim, não foi surpresa ter ele escolhido, no curso superior, um “major” em arte e um “minor” em música. Formou-se pelo Union College em Lincoln, Nebraska, em 1980.

Victor Issa sabe modelar a argila para fundição em bronze, transformando o metal em figuras de beleza tranqüila e obras de arte duradoura. Ele emprega o velho método chamado processo de “cera perdida”. Usando uma argila especial, cria exatamente o aspecto e sentimento que deseja nas peças acabadas. Então leva a escultura em argila para a fundição, onde é feito um molde de borracha e fundida a cópia de cera. A cera é então mergulhada numa pasta de cerâmica por dentro e por fora. A cerâmica é aquecida, derretendo a cera (daí, “cera perdida”) e endurecendo a cerâmica. O bronze fundido é derramado na forma. Quando esfria, a forma de cerâmica é quebrada. Eis, então, a escultura em bronze — com todas as características e os pormenores do modelo original.

Victor é casado com Candy, enfermeira alto-padrão. Moram em Loveland, Colorado, e têm quatro meninas, com idades de 9 a 15 anos, todas ensinadas em casa, tendo Candy como professora.

■ Alguns escultores vêem a figura completa antes de começar a dar-lhe forma. Outros vêem uma peça desenvolver-se à medida que trabalham. Como descreveria seu estilo?

Freqüentemente é um processo de descoberta. Cada peça é diferente das demais, e cada uma é sintonizada com o modelo individual com o qual estou trabalhando. Provei este exercício várias vezes: Faço modelos assumirem poses de esculturas existentes que fiz, e é curioso ver quão diferente a peça aparece com diferentes modelos. O resultado final não aparece tão bem-sucedido em minha mente quanto ao ser comparado com o modelo que uso para a idéia.

■ O que distingue sua escultura da de outros?

Minha metodologia e o acabamento

refletem o estilo clássico. A forma como descubro poses e capturo a vida numa peça também pode fazer diferença. Trabalho a partir de modelos vivos, tanto quanto possível, e não de fotografias. Isso dá muito mais vida ao meu trabalho.

■ Que quer dizer com “trabalho a partir da vida”?

Quando me vem à mente um conceito, quero mantê-lo vivo através do processo do começo ao acabamento. Quero ver a pessoa que estou modelando emergir do bronze. Tenho visto muitas esculturas que parecem tão artificiais, tão sem vida e tão mortas. Em grande parte isso é causado por modelos fotografados. Fotografias são poses. Os escultores que usam fotografias reproduzem o que vêm na gravura, e o resultado é uma escultura afetada e sem vida. Não faço com que meus modelos mantenham uma pose por mais de alguns segundos. Eles constantemente fazem a pose e saem dela. Digo-lhes: “Conserve-na à vontade”. Quero evitar que meus modelos se cansem.

■ Quanto de sua escultura — especialmente a de tamanho monumental — é influenciada pelo ambiente?

A maior parte das esculturas em tamanho natural que faço começa como uma maquete. Nem sempre penso que a peça vai ser de tamanho natural. De vez em quando uma peça me toca e diz: Quero ser de tamanho natural. Às vezes olho para uma peça, e ela está pedindo para ser uma fonte.

■ Sua origem cultural ou étnica afeta seu trabalho?

Minha origem cultural! Certamente não podemos escapar da influência da criação que tivemos. A arte egípcia sem-

pre me intrigou. E então existe a subcultura do adventismo. Como se pode escapar disso? Creio fortemente na necessidade de erguer a humanidade. Tenho ouvido outros artistas dizerem que esculpem ou pintam o que está em seu coração. Quero ter certeza de que aquilo que está em meu coração esteja em harmonia com Deus e que o que produzo soerguerá as pessoas e as ajudará a apreciar a verdadeira beleza.

■ *Que pensa você que a arte seja, e por que nos deveríamos interessar por ela?*

A arte está por toda parte. Não posso conceber a vida sem arte. Muitas coisas são possíveis com a arte, as quais não o seriam de outro modo. Pessoalmente, eu teria dificuldade de viver sem arte. Não posso imaginar ocupar-me de outra coisa. É de tal modo parte de minha vida que nem posso ter uma opinião objetiva a respeito. A maioria das pessoas não reconhece que tudo que tocam foi criado em certo sentido por um artista ou escultor. Este é o aspecto prático da arte.

Por outro lado, há o mundo das belas-artes que enriquece a vida acima da medida e além das palavras. O reino animal não tem arte em sua existência. Creio que a distinção é outra ilustração da “imagem de Deus” na família humana. As belas-artes não servem outro propósito prático a não ser prover beleza, estimular o pensamento e elevar o espírito.

■ *Um contador poderia ver o que você faz mais como um passatempo do que um trabalho. Que faz você como passatempo? Contabilidade?*

Não (risada); amo a música. Estou envolvido com um grupo musical na igreja. Fotografia, também. Realmente não preciso de passatempo. Meu trabalho satisfaz todos os aspectos de minha vida.

■ *Como equilibra os aspectos família/trabalho de sua vida?*

Meu estúdio está a apenas vinte metros de casa. Medi isso, de modo que posso dizer às pessoas: “Tenho de andar 20 metros para ir ao trabalho cada dia!”

Esta proximidade de minha família tem sido uma bênção tremenda para mim. As crianças vêm e passam tempo comigo no estúdio. Estou sempre em casa pelo menos para duas refeições cada dia.

■ *Quanto tempo leva para fazer uma peça em tamanho natural?*

Provavelmente cerca de 200 a 250 horas para o trabalho com a argila. Depois vêm o trabalho de fundição e outros pormenores. A despeito de quanto tempo leva — e cada obra é diferente — o que conta é o resultado final e a satisfação que produz.

■ *Quanto custa um monumento em tamanho natural?*

Algo como a encomenda Jedediah que fiz há alguns anos (era uma vez e meia o tamanho natural e incluía uma maquete de bronze) custaria cerca de 50 a 60 mil dólares. Isso incluiria o trabalho de fundição e a instalação.

■ *Em que projetos está trabalhando agora?*

Um deles envolve uma escultura chamada “Éden Restaurado”, para um hospital na área de Denver. Tem oito figuras de várias nacionalidades em tamanho natural, retratando uma possível cena na Terra Renovada. Outro projeto foi encomendado pela Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. A cena inclui 10 figuras em tamanho natural, a segunda vinda de Cristo em relevo e um anjo voando a um lado. Será apresentada na assembléia da Associação Geral de Toronto no ano 2000, e seu destino será a sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Silver Spring, Maryland. Tenho também sete ou oito esculturas minhas nas quais estou trabalhando.

■ *Finalmente, vê você uma dicotomia no trabalho com temas espirituais e temas seculares?*

Não vejo. Embora muitas de minhas figuras sejam clássicas ou consideradas de natureza secular, considero espiritual a beleza da forma humana. É a beleza suprema — pelo menos no que toca a nossa experiência. O nome de minha

firma, A Coroa da Criação, reflete o tema que governa minha arte. A obra da criação de Deus foi coroada pela criação de Adão, e depois a jóia na coroa, Eva. Vejo suprema graça, beleza e espiritualidade naquela forma. Quando faço uma escultura de Jesus ou de um tema celestial, quero que aquela peça de arte expresse de forma tangível a esperança espiritual suprema que nós humanos possuímos.

## Entrevista por Erik Stenbakken.

*Erik Stenbakken é escritor e fotógrafo amador que reside em Lincoln, Nebraska, E.U.A.*

*O endereço de Victor Issa: 3950 N County Road 27; Loveland, CO 80538; E.U.A.*

*Para saber mais do trabalho de Issa, visite <http://www.issav.com>*

## Diálogo grátis para você!

Se você é estudante adventista e frequenta uma universidade não adventista, a igreja tem um plano que lhe permite receber *Diálogo* gratuitamente enquanto você for estudante. (Aqueles que não são mais estudantes podem assinar a revista *Diálogo* utilizando o cupon na pág. 10.) Entre em contato com o diretor do Departamento de Educação ou do Departamento de Jovens da sua união e solicite que seu nome seja incluído na lista de distribuição da revista para aquele território. Inclua na carta seu nome e endereço completos, o nome da universidade que frequenta, o curso que está fazendo e o nome da igreja da qual você é membro. Pode também escrever para os nossos representantes nos endereços fornecidos na pág. 2, enviando cópia da sua carta para os diretores departamentais de sua União, já mencionados acima. Na América do Norte, você pode utilizar nosso número de telefone de discagem gratuita, 1-800-226-5478 ou utilizar o fax (301) 622-9627, ou E-mail: 74617.4642@compuserve.com ou 104472.1154@compuserve.com. Caso todos esses contatos deixem de produzir resultado, escreva para o nosso endereço editorial.

# A Igreja Adventista e um bilhão de dólares

Gary Patterson

**C**orreto! Um bilhão de dólares é o total arredondado das contribuições em dízimo da Igreja Adventista do Sétimo Dia em todo o mundo em 1997. O número confunde a mente e desafia a compreensão. Mas ponhamos isso numa perspectiva que possamos compreender. O número de membros da igreja mundial aproximou-se de 10 milhões no final de 1997. Isso significa que o dízimo médio por membro, durante 1997, foi de cerca de dois dólares por semana — ou cerca de 100 dólares durante o ano.

Coloquemos esses números numa perspectiva cronológico-linear. Começando com a organização da igreja adventista em 1863, as contribuições acumuladas de dízimo levaram 100 anos para alcançar o primeiro bilhão de dólares, em 1963. Passaram-se dez anos antes de o segundo bilhão ser alcançado, em 1973, e quatro para o terceiro, em 1977. Então a marca de um bilhão foi alcançada em três e depois em dois anos na década de 1980. Em 1997, os membros da igreja estavam entregando mais de um bilhão de dólares de dízimo anualmente.

Em outras palavras, durante esses

135 anos de sua história, a Igreja Adventista do Sétimo Dia teve um dízimo acumulado de cerca de 15 bilhões de dólares. Levou 124 anos para a primeira metade dessa quantia ser recebida, e 10 anos para a segunda metade. Com o crescimento contínuo do número de membros e a inflação monetária, as comparações anuais não têm sentido. Contudo, é interessante considerar o impacto financeiro a longo prazo e pelo menos tentar compreender cifras tão grandes.

Mas o dízimo não é a história toda, naturalmente. Os membros contribuem com fundos adicionais para sustentar o trabalho mundial e local da igreja. Estes fundos, fora o dízimo, incluem testamentos, fundos em custódia e doativos para projetos específicos. A porção maior de recursos sem contar o dízimo, entretanto, consiste em “Fundos para a Missão Mundial”, usualmente recolhidos durante a Escola Sabatina ou como parte do “pacto” dado pelos membros. Em 1997, isso somou mais de 50 milhões de dólares — recursos que sustentam todos os aspectos da manutenção e expansão do trabalho da igreja ao redor do mundo, incluindo os ministéri-

os educacionais, médicos, evangelísticos e pastorais. Este artigo, porém, limita-se primariamente à fonte e ao uso do dízimo.

## A natureza espiritual do dar

Mas antes de pensar em como gastar um bilhão de dólares, considere a natureza espiritual deste empreendimento. O que faz com que pessoas de várias culturas, nações e níveis econômicos se unam em dar liberalmente para a maravilhosa obra de espalhar as boas novas da salvação? Qual é o elo transcultural que nos une como crentes adventistas ao redor do mundo?

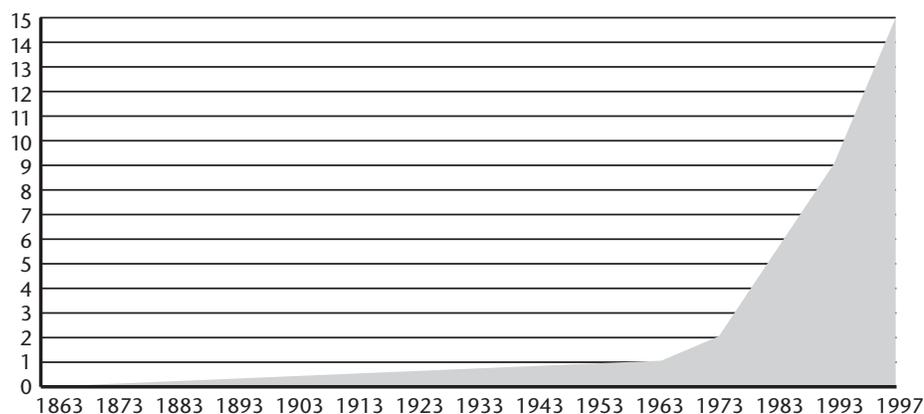
Talvez, no âmago, seja o que temos em comum. E isso não é um mandato institucional, mas um compromisso espiritual e uma missão da qual todos participam. Essa observação não é uma crítica negativa da força e realizações do grupo que se tornam factíveis pela igreja como instituição. Mas no coração da igreja — o que a faz funcionar — é o compromisso de participar no cumprimento do mandato evangélico de ir a todo o mundo. E na instituição da igreja vemos um esforço financeiro coletivo como a melhor maneira de prover fundos para atingir esse alvo.

## Sua origem no Velho Testamento

Nos tempos do Velho Testamento, os dízimos e as ofertas eram dados à tribo de Levi. O dízimo era a resposta natural à bênção de Deus. Era visto não tanto como uma obrigação mas como uma resposta de amor. As ofertas eram também dadas em resposta à graça e bênçãos de Deus.

Com esses recursos, os israelitas financiavam suas práticas religiosas, a educação e às vezes seu governo também. Embora houvesse ocasionalmente várias formas de sistema monetário du-

Dízimo cumulativo, 1863-1997, em bilhões de dólares.



rante os tempos do Velho Testamento, o dízimo era baseado mais na renda da agricultura do que em salários. E o comércio era feito largamente no sistema de trocas, e não em dinheiro. Este elo positivo entre o sustento diário e o produto da terra favorecia um reconhecimento mais direto da dependência de Deus para a sobrevivência.

Quando Israel entrou na terra prometida, o território foi dividido entre 11 das 12 tribos. A tribo de Levi foi deixada fora dessa distribuição de terra, por ser sua tarefa prover orientação religiosa para manter coesa a sociedade. Como resultado, eles precisavam do sustento dos dízimos das outras 11 tribos. Sem este sistema de sustento, os levitas não poderiam sobreviver.

A recomendação bíblica para receber dízimos e ofertas forneceu um modelo para as estruturas de mordomia e finanças da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Infelizmente, como no caso dos israelitas, nossos conceitos de dar e nossa relação com Deus são freqüentemente contaminados com a idéia pagã, que considera sacrifício dar algo que é nosso para apaziguar ou subornar um deus irado.

Embora a relação de Deus com Seu povo seja baseada num pacto que inclui sacrifício, o pacto é baseado não em nosso sacrifício, mas no dEle. Nada há que possamos fazer para purificar-nos do pecado. Tudo que precisamos fazer é aceitar o sacrifício de Deus e entrar numa relação de pacto com Ele. Através do salmista, Deus expressa clara e logicamente esta relação entre pacto e sacrifício: “Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios” (Salmo 50:5). Então ao povo de Sua aliança Ele diz: “De tua casa não aceitarei novilhos, nem bodes dos teus apriscos. Pois são meus todos os animais do bosque, e as alimárias aos milhares sobre as montanhas. Conheço todas as aves dos montes, e são meus todos os animais que pululam no campo. Se eu tivesse fome não to diria, pois o mundo é meu, e quanto nele se contém. Acaso como eu carne de touros? ou bebo sangue de cabritos? Oferece a Deus sacrifício de ações de graça, e

cumpra os teus votos para com o Altíssimo; invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás” (Salmo 50:9-15).

O que constitui um sacrifício? Não o multidão de posses entregues. Não o matar animais. Não as boas obras de justiça. Em termos bíblicos, sacrifício é um ato de gratidão pelo sacrifício feito por Deus para expiar o pecado. Ele agiu primeiro por amor de nós. Nós respondemos a esse amor. Não há outra resposta aceitável além de gratidão e amor a Deus. O amor é a única medida correta de sacrifício.

Mas é fácil que nossos motivos se tornem confusos ou mesmo totalmente pervertidos. Como podemos saber se nossas ofertas são egoístas e pagãs, visando apaziguamento em vez de gratidão? Talvez quando começamos a nos afligir, perguntando se estamos dando demais ou de menos. Talvez quando queremos controlar o uso de nossas ofertas, insistindo em que as coisas sejam feitas à nossa moda pela igreja, ou quando nos recusamos a dar. Isto levanta uma séria questão: É esse dar realmente um ato de amor? Ou é apenas chantagem religiosa?

### **O modelo do Novo Testamento**

No Novo Testamento, as finanças da igreja desenvolveram-se de outro modo. A princípio, o número de cristãos era pequeno e se concentrava numa área geográfica limitada. Nessas circunstâncias, com a expectativa da volta imediata de Jesus, sentiu-se pouca necessidade de uma igreja institucional ou de um sistema financeiro organizado. Propriedades e bens pertenciam à comunidade. E foi principalmente como resultado das necessidades dos membros mais pobres que começaram os apelos para ofertas de sustento e movimentos para a estruturação da igreja.

A igreja apostólica não tinha um clero assalariado, e os que pregavam eram cuidados pelas pessoas a quem serviam, enquanto trabalhavam em qualquer emprego que pudessem achar. Ao viajarem de lugar em lugar pregando o evangelho, estabeleceram congregações, as quais por sua vez os enviavam a outras

localidades para disseminar as boas novas. Com efeito, só foi muito mais tarde que a estrutura, as finanças e os edifícios se tornaram parte significativa do desenvolvimento da igreja.

### **Estrutura adventista**

Surgindo depois de 1800 anos de história do cristianismo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tinha uma variedade de modelos à sua disposição, ao pesquisar o melhor em estrutura e operações financeiras. Em sua base, naturalmente, está o princípio bíblico de dízimos e ofertas. Quanto à organização da igreja, as opções básicas eram duas: a congregacional e a institucional. O modelo institucional que escolhemos centraliza o financiamento usando o dízimo para o ministério do evangelho e dependendo de ofertas além do dízimo para outros aspectos da missão, tais como edifícios de igrejas e escolas, manutenção, serviços, obra educacional e médica. Este modo centralizado de operação torna possível que a Igreja seja mais eficiente e equitativa em alcançar o campo mundial.

Há, porém, algumas desvantagens. Quando a igreja era pequena nos primeiros anos, seus membros se limitavam em grande parte à América do Norte, e se localizavam em alguns grandes centros. Os membros conheciam seus líderes pessoalmente e estavam diretamente envolvidos no trabalho da igreja. Uma Assembléia da Associação Geral era realmente isso — uma reunião geral de todos os membros da igreja.

Obviamente, isso não é possível hoje, em vista do número e da distribuição global de nossos membros. Como resultado, os membros individuais se envolvem menos nas decisões do corpo da igreja. Por essa razão, há freqüentemente apelos para uma participação maior da congregação em tomar decisões sobre como e onde os recursos da igreja devem ser usados. E embora este interesse individual desperte maior apoio para projetos específicos, o potencial para um desequilíbrio nesse modo de operação é enorme. No mundo de hoje, de milhões de membros e um bilhão de dólares anualmente, não

nos devemos permitir ficar presos numa posição inflexível sobre estrutura e finanças. Embora haja mérito em selecionar projetos individuais ou de igrejas para serem financiados atendendo necessidades específicas, a operação equilibrada e eficiente de nosso movimento parece ser mais bem servida por uma estrutura que opera através das 12 divisões da igreja, como ela é atualmente constituída. Estas divisões mundiais não são territórios permanentes e imutáveis. Na verdade, essas divisões são examinadas regularmente e reestruturadas à medida que fatores políticos, populacionais e de membros o tornem aconselhável.

### Distribuição financeira

Dado o modo institucional que temos escolhido, como são as finanças da igreja recebidas, divididas e distribuídas? O quadro abaixo lista as divisões pelo número de membros, dízimo total por ano e dízimo per capita numa ordem ascendente. (Estes números são baseados nos totais do fim de 1996.)

O ponto inicial do recebimento do dízimo é a igreja local. Daqui ele é enviado na sua totalidade para a associação/missão da qual faz parte e da qual recebe os serviços e financiamento para as necessidades da congregação, tais como: pastoral, evangelística, administrativa, contribuições para o fundo de aposentadoria dos empregados e alguns custos educacionais. A soma do dízimo gasto pela associação/missão varia des-

de 90 por cento em algumas divisões até 68,25 por cento na Divisão Norte-Americana.

Dependendo da estrutura e praxes das várias divisões e das uniões em seu território, o resto do dízimo é dividido entre união e divisão, com um por cento do dízimo total passado para a Associação Geral para as operações da igreja em todo o mundo (exceto na América do Norte, como observado abaixo). Assim, o dízimo é dividido entre os vários níveis administrativos que coordenam e governam a obra da igreja.

Na América do Norte, uma porcentagem maior do dízimo é enviada à Associação Geral do que nas outras divisões. As associações locais retêm 68,25 do dízimo total, 10,25 do qual são colocados no fundo de aposentadoria, deixando assim 58 por cento do dízimo para financiar a operação das igrejas e associações. A união recebe 10 por cento, a divisão 10,40 por cento e a Associação Geral 11,35 por cento do dízimo total da Divisão Norte-Americana, como indicado no quadro ao lado.

### Modelos mutáveis, missão invariável

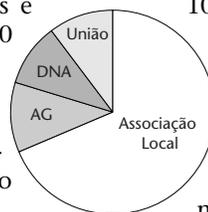
É claro que a riqueza do mundo não é distribuída por igual, e que algumas divisões são doadoras enquanto outras são receptoras. Os contrastes são ainda mais óbvios dentro das próprias divisões, pois alguns campos enfrentam pobreza profunda, enquanto outros sus-

tentam a obra da igreja em áreas além de suas fronteiras. É também claro que, com o correr do tempo, o ideal seria que a obra da igreja ficasse não só auto-suficiente em cada campo, mas também que cada entidade pudesse contribuir para a expansão da missão em novos territórios. Embora continuemos a trabalhar na direção deste ideal, ainda não chegamos lá, devido às desigualdades da economia mundial e pelo fato de a presença adventista ser nova em algumas áreas.

Houve uma época em que todos os membros da igreja estavam na América do Norte. Mas isso não duraria muito tempo, graças à visão de nossos pioneiros. Assim começou o longo declínio da proporção de membros da igreja da América do Norte em relação ao número de membros da igreja mundial — de 100 por cento no início para menos de dez por cento atualmente. E isso não é algo negativo. Era a intenção de nossos pioneiros que assim fosse.

Mas com esse crescimento enorme da igreja mundial e a mudança nas porcentagens de membros, vem o reconhecimento de que a América do Norte, em algum momento, não poderá mais financiar a obra mundial da igreja como foi o caso durante muitos anos. Com efeito, já passamos desse ponto há bastante tempo. Posso lembrar-me em meus dias mesmo do momento em que passamos a marca do primeiro milhão de membros. E naquele tempo, a América do Norte ainda era um terço da igreja mundial. Ao alcançarmos 10 milhões de membros no mundo, a proporção é agora menos de um em dez.

De modo crescente, a liderança e o financiamento das atividades da igreja estão sendo assumidos pelos membros em cada região do mundo. Conseqüentemente, mais e mais os recursos das divisões doadoras precisam enfocar os territórios ainda não penetrados pela mensagem adventista (os quais no início incluíam quase todo o mundo, mas agora requerem uma nova compreensão). Há certamente lugar para projetos e donativos individuais à medida que o



Divisão	Número de membros	Dízimo em dólares	Dízimo per capita em dólares
Sul-Asiática	239.887	\$1.007.248	\$4,20
África Oriental	1.579.726	\$6.883.582	\$4,36
África-Oceano Índico	1.169.680	\$8.092.569	\$6,92
Sul-Asiática do Pacífico	951.205	\$20.889.978	\$21,96
Interamericana	1.654.683	\$73.206.162	\$44,24
Euro-Asiática	114.868	\$5.306.087	\$46,19
Sul-Americana	1.433.612	\$117.722.450	\$82,12
Sul do Pacífico	291.776	\$37.590.589	\$128,83
Euro-Africana	456.155	\$66.411.545	\$145,59
Trans-Européia	92.841	\$26.673.636	\$287,30
Norte-Asiática do Pacífico	161.188	\$49.194.754	\$305,20
Norte-Americana	858.364	\$507.406.826	\$591,14

Senhor impressiona corações com a necessidade e abençoa os fundos. Mas no âmago do milagre que estamos experimentando no crescimento do número de membros no mundo está o financiamento eficiente, equitativo, provido através dos canais da organização da igreja, sob a bênção de Deus.

Isso pode soar como aplausos para a igreja institucional — uma visão otimista que deixa de reconhecer que pode haver problemas e ineficiências na estrutura. A intenção não é essa. Com efeito, reconheço que a igreja não é perfeita — primariamente porque os membros e a liderança são compostos de pessoas como eu mesmo, falíveis, inclinadas a buscar seus interesses, e vagarosas para perceber tudo o que Deus gostaria de nos levar a conhecer e fazer.

Mas a despeito de tudo isso, a igreja prospera e cresce. Não é nossa — é de Deus. E a maravilha é que a Seu apelo, podemos ser participantes do milagre de Sua graça em levar o evangelho a todo o mundo, muito além do que poderíamos realizar individualmente, ou mesmo pelos esforços isolados de nossas pequenas congregações. E quão emocionante é permanecer informado e envolvido! Os números estão além da minha capacidade de compreensão. Como Deus disse a Abraão, é como tentar contar as estrelas, ou os grãos de areia da praia. O milagre da graça é que podemos ser parte dele — mesmo se formos incapazes de compreender tudo.

---

Gary Patterson (D.Min., Vanderbilt University) é secretário geral da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia e dirige o escritório de Interesse nas Missões. Seu endereço: 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, Maryland 20904-6600; E.U.A. E-mail: 74532.22@compuserve.com

## Ainda que caiam...

Continuação da pág. 7.

história; tal é minha inabalável fé. Tenho esperança em Deus que a força interior que vindicará minhas ações haverá de brotar de dentro de meu povo. Fiz o que devia fazer impelido por uma voz interior. Assumo as conseqüências do modo expressado nas belas palavras de Johann Gottlieb Fichte: 'É tu agirás como se de ti e de teu ato dependesse o destino de toda a Alemanha e somente tu precisas responder por ele'".

Hans e Sophie foram também julgados sumariamente, condenados e decapitados na noite do julgamento. Mas ficaram firmes pelo que era reto. Inspirados por sua devoção a Cristo, influenciados por um conselheiro piedoso e um professor corajoso, fizeram uma declaração a favor da verdade. Como Sophie tinha afirmado com simplicidade: "Alguém, afinal, tinha de dar um começo".

Hans e Sophie foram enterrados no Cemitério Pelach no sul de Munique. Na cidade apareceram pichações sobre as paredes. Diziam: "Seu espírito vive".

Eu me pergunto: Vive seu espírito? Vive nos corações e mentes de estudantes universitários e professores adventistas do sétimo dia? Estamos dispostos a manifestar a coragem de nossas convicções e mostrar o que significa ser um cristão em nossa época? Seu espírito pode viver e viverá, se aceitarmos o desafio de "ficar firmes ainda que caiam os céus", se resolvermos pela graça de Deus resistir às tendências perniciosas que permeiam a sociedade contemporânea e vivermos o tipo de vida cristã devota que o mundo tão desesperadamente precisa ver.

---

Greg A. King (Ph.D., Union Theological Seminary) é professor associado de estudos bíblicos no Pacific Union College. Suas áreas de interesse incluem Velho Testamento e ética bíblica. Seu endereço: One Angwin Avenue; Angwin, California 94508; E.U.A. E-mail: gking@puc.edu

### Notas e referências

1. Ver Herbert Ford, *Flee the Captor* (Nashville, Tenn.: Southern Publ. Assn.,

1966), para um relato das emocionantes experiências de Weidner durante a Segunda Guerra Mundial.

2. Ellen G. White, *Educação* (Santo André: Casa Publicadora Brasileira).
3. Ver Phillip Johnson, *Reason in the Balance: The Case Against Naturalism in Science, Law and Education* (Downers Grove, Il.: Intervarsity, 1995).
4. George Marsden, *The Soul of the American University: From Protestant Establishment to Established Nonbelief* (Oxford: Oxford University Press, 1994).
5. Robert L. Simon, "The Paralysis of 'Absolutophobia'", *The Chronicle of Higher Education* (June 27, 1997), págs. B5-B6.
6. Kay Haugaard, "A Result of Too Much Tolerance?" *The Chronicle of Higher Education* (June 27, 1997), págs. B4-B5.
7. *Ibid.*, pág. B5.
8. *Ibid.*
9. Estes e outros resultados perturbadores de pesquisas são relatados em James Patterson e Peter Kim, *The Day America Told the Truth* (New York: Prentice Hall, 1991), pág. 66.
10. Estas constatações confrangedoras do Grupo de Pesquisa Barna são discutidas por William G. Johnson, "Awash in a Sea of Relativism", *Adventist Review*, Agosto de 1997, pág. 5.
11. *Ibid.*
12. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Il.: Intervarsity, 1973), pág. 159.
13. A história da "Rosa Branca", incluindo as citações, é em grande parte extraída do relato de Garber, *The Fabric of Faithfulness*, págs. 162-171. Também consulta Anton Gill, *An Honorable Defeat* (New York: Henry Holt & Co., 1994), págs. 183-195. Este último pode ser visto em "online":<http://www.english.upenn.edu/~afilreis/Holocaust/gill-white-rose.html>

# A capacidade de valorizar o outro

Bryan Craig

*Sem encorajamento é difícil lutar com os problemas que enfrentamos na vida, e é difícil sobreviver.*

**H**elen Keller tem sido admirada por todo o mundo. Nem sempre, porém, foi um exemplo atraente. Nascida cega, surda e cheia de energia, expressava suas frustrações em acessos de ira e raiva. Com ou sem provocação, ela se tornava fisicamente violenta e golpeava a pessoa ou o objeto mais próximo. O que quer que suas mãos achessem, tornava-se objeto de seus atos agressivos. Ela chutava, mordida e batia se fosse contrariada. Sua mãe tentava ser amiga e compreensiva. Seu pai gritava (como se ela pudesse ouvir), e até mesmo sugeria que ela fosse enviada para um manicômio. Um autor descreveu sua primeira infância como a de “um animal descontrolado e selvagem”.

Mas quando Helen completou seis anos, uma pessoa nova entrou em sua vida. Alguém com ternura e carinho. Alguém que cria em Helen e sentia através daqueles ouvidos surdos e olhos cegos. Alguém que sabia que Helen tinha um tremendo potencial encerrado em seu íntimo. Alguém que conhecia o milagre da valorização.

Ann Sullivan não era milagrosa. Ela própria tinha sido vítima de limitações, mas as tinha vencido e sabia que podia transmitir aquele toque inspirador sendo gentil e amorosa. Sabia como administrar disciplina e orientação, mas também sabia como fazê-lo com carinho e interesse. Durante os primeiros dias, Helen dava pontapés e mordida sua nova professora, jogava coisas nela e mostrava de todos os modos possíveis seu desafio e desobediência. Mas Ann era feita de fibra mais forte. Toda demonstração de raiva de Helen fazia com que Ann lhe mostrasse com firmeza que tais atos eram inaceitáveis. Ann lhe dava uma palmada gentil e lhe negava

alimento, a menos que estivesse disposta a comer com boas maneiras, mas sempre recompensava Helen com um abraço ou um tapinha amável em resposta ao menor sinal de obediência de Helen.

Anos mais tarde, lembrando seu primeiro encontro, Helen escreveu: “Senti passos que se aproximavam e estendi a mão, como supunha, à minha mãe. Alguém a tomou, e fui abraçada e apertada. Ela viera revelar tudo para mim e, mais que qualquer outra coisa, amarme”. Aquele amor abriu para Helen o belo mundo ao redor. Ela apegou-se a Ann Sullivan como a alguém que podia mudar sua vida, que podia dar visão sem olhos, audição sem a capacidade de ouvir e vida em toda a sua plenitude.

Como aconteceu isso? Ann Sullivan cria em Helen. Era positiva — sabia que um elogio pode extrair todas as possibilidades ocultas numa criança desamparada.

## Que é valorização?

A palavra correspondente em inglês significa “tornar firme” ou “dar força a outro”. Os psicólogos nos dizem que tendemos a definir o que somos no contexto de como os outros nos consideram. Todos ansiamos por valorização e encorajamento por parte de outrem. Essa aceitação nos dá um sentimento de integração e identidade.

Quando encorajamos a alguém com comentários positivos, nós, com efeito, lhe damos força para reconhecer seus dons e a contribuição que fazem à vida. Sem esta valorização, é difícil superar os problemas que enfrentamos na vida, é difícil sobreviver numa comunidade, escola ou local de trabalho onde a competição é a ordem do dia. Com efeito, sem o calor e o carinho que acompa-

nham a valorização, é provável que fi-  
quemos alienados.

Elogiar é talvez o toque mais terno  
de um ser humano em outro — um to-  
que que nos encoraja a reconhecer o  
potencial que nos é dado por Deus. Em  
todos os meus anos como conselheiro  
vim a compreender que não há cresci-  
mento pessoal sem valorização. Como  
disse alguém: “O maior bem que faze-  
mos aos outros não é dar-lhes nossa ri-  
queza, mas mostrar-lhes sua própria ri-  
queza”. Ou como Salomão se expressa:  
“Não te furtas a fazer o bem a quem de  
direito, estando em tua mão o poder de  
fazê-lo”; “A alma generosa prosperará, e  
quem dá a beber será dessedentado”  
(Provérbios 3:27; 11:25).

### Na ausência de um elogio

Se as pessoas não recebem encoraja-  
mento e elogios daqueles ao seu redor,  
sentem-se inseguras e inadequadas. Isso  
por sua vez pode levá-las a agir de  
modo estranho, só para se sentirem  
aceitas, aprovadas e apreciadas pelos  
outros. Alguns passam a “agradar” as  
pessoas e esperam que outros os elogi-  
em pelo bem que fazem. Podem até dei-  
xar que outros “andem por cima deles”  
a fim de receber o elogio de serem “gen-  
tis” ou “cooperadores”. Outros podem  
se tornar viciados no trabalho, na espe-  
rança de que seu desempenho vá des-  
lumbrar e atrair os elogios alheios. Ou-  
tros podem se tornar perfeccionistas,  
esforçando-se por fazer seu trabalho  
perfeito ou insistindo em ter sempre as  
respostas corretas para os problemas  
que enfrentam. Todo este comporta-  
mento perfeccionista é motivado pela  
esperança de que “se eu fizer bem ou se  
tiver a resposta certa, serei respeitado e  
apreciado pelas pessoas”. Ainda outros  
assumem o papel de mártires, na espe-  
rança de que, por seu sofrimento, sejam  
apreciados como um “santo”, enquanto  
outros adotam um comportamento au-  
toritário na esperança de que, ao con-  
trolarem situações e pessoas, sejam  
apreciados por sua habilidade. Seja qual  
for o comportamento, as pessoas procu-  
ram provar seu valor e solicitam os elo-  
gios de que necessitam para executar

suas tarefas em favor de outros na co-  
munidade.

### Jesus e a valorização

Jesus conhecia o valor do elogio.  
Tudo o que Ele dizia e fazia visava a en-  
corajar e edificar os outros. Suas pala-  
vras possuíam grande poder curativo.  
Seu toque gentil curava os feridos, res-  
taurava os quebrantados de coração e  
confortava os ansiosos. Suas palavras de  
apeço encorajavam os indivíduos a se  
erguerem acima de suas frustrações e  
atingirem seu pleno potencial. Ele con-  
feria poder às pessoas.

Jesus confortou o ladrão arrependido  
na cruz, quando lhe prometeu Sua  
companhia no paraíso. Jesus tranqüili-  
zou Zaqueu. Disse-lhe que, embora ou-  
tros o desprezassem, Ele o considerava  
cidadão de Seu reino. “Hoje houve sal-  
vação nesta casa” (Lucas 19:9).

Jesus valorizou as criancinhas. Os  
discípulos queriam livrar-se delas, mas  
não Jesus. Ele cria na possibilidade de  
aquelas crianças se tornarem parte de  
Seu reino. “Deixai vir a Mim os peque-  
ninos”, disse Ele, “e não os embarceis,  
porque dos tais é o reino de Deus” (Lu-  
cas 18:16).

Considere a viúva que foi ao templo  
com uma oferta de apenas dois vinténs.  
Os dirigentes da sinagoga não tinham  
tempo nem emprego para ela. Mas Je-  
sus reconheceu nela uma devoção total  
à causa de Deus: “Ela, porém, de sua  
pobreza deu tudo quanto possuía, todo  
o seu sustento” (Lucas 19:9). Isso é va-  
lorização.

Observe também como Jesus deu um  
voto de confiança à mulher apanhada  
em adultério. Seus acusadores estavam  
prontos, com a lei e as pedras. Queriam  
justiça. Farejavam sangue. Jesus não se  
concentrou no pecado, mas na pecado-  
ra carente de graça. Ofereceu-lhe per-  
dão, aconselhando-a: “Vai, e não pe-  
ques mais” (João 8:11). Isto é fortalecer  
a auto-estima: crer que a mulher, embo-  
ra pecadora, pudesse estender a mão e  
apegar-se à graça e ao perdão de Deus —  
e viver os desígnios de Deus para ela.

Esse otimismo edifica as pessoas.  
Fortalece-as para viver uma nova vida.

Encoraja-as a ver o novo eu interior.

### O desafio de edificar

Talvez seja tempo de lembrar as pala-  
vras do apóstolo: “Consolai-vos, pois,  
uns aos outros, e edificai-vos reciproca-  
mente” (I Tessalonicenses 5:11). O  
apóstolo cria que devíamos estimular-  
nos uns aos outros “ao amor e às boas  
obras,...e tanto mais quanto vedes que  
o dia se aproxima” (Hebreus 10:24, 25).

Mas como elogiar? Aqui estão três  
sugestões:

1. *Simplesmente o faça!* Não suben-  
tenda que os outros saibam o que você  
sente e quanto você os aprecia. Diga-  
lhes. A intenção de elogiar só é boa  
quando você lhe obedece.

2. *Faça-o freqüentemente!* Muitos de  
nós somos como um vazamento lento  
num pneu: precisamos ser “bombados”  
com freqüência. Precisamos receber en-  
corajamento e ânimo uns dos outros.  
Assim não só devíamos elogiar, mas  
fazê-lo freqüentemente.

3. *Não se sinta repellido por aqueles  
que têm dificuldade em aceitar seus elogi-  
os.* Alguns têm dificuldade para aceitar  
elogios. Podem retrucar dizendo: “Ah,  
você não precisava fazer isso”. Mas lem-  
bre-se de que a melhor maneira de rece-  
ber um elogio é fazê-lo. Quanto mais  
você dá, tanto mais sobra.

Lembre-se do que Salomão disse:  
“Quem dá a beber será dessedentado”  
(Provérbios 11:25).

---

*Bryan Craig é conselheiro matrimonial e  
diretor dos Ministérios da Família na Divi-  
são do Sul do Pacífico. Seu endereço: Locked  
Bag 2014; Wairoonga, NSW 2076; Austrá-  
lia. E-mail: 102555.1501@compuserve.com*

## Tente a Saúde!

*O sucesso do evangelismo de campus na Romênia*

Stefan Mihaicuta

**L**ogo depois de me formar na faculdade de medicina em 1990, fui convidado para um encontro com colegas adventistas de várias universidades da Romênia. Em seu primeiro encontro, este grupo tinha uma agenda clara e objetiva. O país acabava de livrar-se do jugo comunista, e assim o ponto único da agenda continha urgência e apelo: “Como podemos falar a outros estudantes acerca de Jesus e Sua breve volta?”

Mas primeiro precisávamos conhecer a Jesus pessoalmente. Precisávamos compreender o significado da conversão, de pertencer a Jesus. Conversamos, estudamos, oramos e decidimos encontrar-nos de novo. Por seis meses, oramos e esperamos.

Em meados de 1991, sentimos que estávamos prontos para a ação. A Igreja Adventista de Timisoara lançou uma campanha evangelística de longa duração no maior cinema da cidade. Oferecemo-nos para ajudar nesse trabalho. Convidamos estudantes de várias faculdades. Trabalhar com estudantes teve o efeito de abrir nossos olhos. Os estudantes são privilegiados — com as vantagens de uma criança e os direitos de adultos. Têm uma auto-estima elevada. Querem saber. Cobiçam o estilo de vida do Ocidente. Têm todos a mesma tensão de tempo limitado, refeições irregulares, falta de sono e exercício inadequado. Vivem num ambiente que glorifica o secular e não deixa espaço para o espiritual. Fazem as mesmas perguntas: Quem sou eu? De onde vim? Deus realmente existe? Que acontece depois da morte?

A campanha evangelística de Timisoara deu-nos uma oportunidade perfeita para relacionar-nos com estudantes universitários. Os estudantes beberam sofregamente da fonte da verdade. Depois de dois meses, cinco alunos e

um professor de veterinária foram batizados. A experiência nos emocionou. Continuamos a orar para que Deus nos usasse a fim de comunicar Seu amor aos estudantes sem igreja.

Demos então um passo ousado. Pedimos às autoridades escolares que designassem um lugar público no campus onde os estudantes pudessem encontrar-se e discutir questões espirituais e religiosas. Imaginem isso num país outrora comunista, no qual a religião era menosprezada como o ópio do povo. Dentro de dez semanas, quatro grupos de estudantes adventistas estavam realizando seminários do Apocalipse em diferentes estabelecimentos de ensino superior. Os presentes eram geralmente agnósticos ou ateus e vinham para ouvir a mensagem bíblica. O estilo das reuniões era simples: um estudo em série do Apocalipse, um testemunho pessoal e oração. Refrescos e oportunidades para discussão e interação vinham a seguir.

Nosso objetivo principal nestas reuniões era apresentar os estudantes e jovens profissionais à maior personalidade da história, Jesus Cristo, e então ligá-los com a Igreja Adventista. Muitos destes estudantes não tinham rejeitado a Jesus, mas mal O conheciam, e o que sabiam eram caricaturas comunistas dEle. Poucos compreendiam as enormes implicações de Seu sacrifício na cruz — que ele traz perdão, confiança e esperança.

Descobrimos que o método mais eficiente de trazer estes estudantes era através da amizade. Como Ellen White diz: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Orde-

nava então: ‘Segue-me’” (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 143).

Antes do fim de nosso primeiro ano de ministério no campus, dez estudantes tinham sido batizados na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Outros quinze foram batizados nos dois anos seguintes.

### **Entra a mensagem de saúde**

No começo de 1993 encontramos novas dificuldades em nosso testemunhar no campus. Uma associação de estudantes ortodoxos assumiu o controle de todas as atividades religiosas, e nos recusaram o uso de qualquer salão na universidade para nossas reuniões de evangelismo. Assim nos voltamos para a saúde como forma de evangelizar. Nossas reuniões enfocavam assuntos como: “Amor e casamento”, “Como comunicar-se com seu parceiro”, “Auto-estima” e “Yoga e o cristianismo”. Convidávamos especialistas adventistas para apresentar um ou dois destes tópicos duas vezes por ano. A frequência por parte dos estudantes era alta, e nossa igreja ficou bem conhecida, tanto nas universidades como nas comunidades vizinhas. Na verdade, programas locais de rádio convidavam pastores adventistas. Mais de 200 estudantes começaram a vir à Igreja Adventista, embora não tivessem ainda decidido batizar-se.

Nosso primeiro programa de saúde foi o plano Cinco Dias Para Deixar de Fumar, realizado numa sala de aula na faculdade de medicina de Timisoara. Uma dupla formada por um médico e um pastor dirigiu o programa, com a ajuda de muitos estudantes adventistas. No primeiro seminário, 26 estudantes se matricularam, sendo que 22 obtiveram sucesso em eliminar o fumo de suas vidas. Um ano mais tarde, realizamos um programa denominado “Respi-

re Livre”. Trinta se matricularam, dos quais 28 saíram vitoriosos.

Visto que os resultados tinham sido encorajadores e interessantes, quisemos levar a mensagem à comunidade científica. Apresentamos uma monografia ao Encontro de Medicina Respiratória da Romênia, em Bucareste, em 1997, e comparamos a eficácia (ver Tabela 1) dos dois programas para deixar de fumar.

Nenhum dos participantes tinha experimentado qualquer outra terapia para deixar de fumar. Durante os seminários, travamos relações com os participantes. Depois dos seminários fizemos reuniões e telefonemas durante os quais conversamos sobre seus problemas, encorajamo-los e até oramos juntos. Alguns dos participantes abandonaram os grupos depois de alguns dias, e assim não foram incluídos em nossas observações. Os resultados estão na Tabela 2.

Nossa monografia não só apresentou o sucesso dos seminários para deixar de fumar, mas também comparou os dois métodos. Por exemplo: descobrimos que o Plano Respire Livre é mais eficaz que o de Cinco Dias e que ele tem um elevado componente de auto-motivação. Nos dois programas, o espírito de equipe desempenha um papel importante ao dar apoio, assistência e relacionamento constantes.

### O feliz resultado

Para nós, os que lançamos estes programas de saúde, a recompensa não foi apenas a alegria de ver colegas obterem a vitória sobre um hábito perigoso, mas também a satisfação de ter feito algo saudável pela comunidade. Dois dos participantes nos seminários para deixar de fumar tornaram-se adventistas mais tarde. Logo depois do segundo seminário, nossa equipe foi convidada para apresentar o programa na Rádio de Timisoara, uma das estações de rádio regionais mais populares na Romênia. O programa foi tão bem-sucedido que a estação nos convidou para apresentar outros tópicos sobre saúde. Desde 1994, a rádio emite breves “Pílulas sobre Estilo de Vida”, baseadas no programa

**Tabela 1: Participantes do seminário para deixar de fumar**

Data	Plano de 5 dias — Grupo A	Respire livre — Grupo B
Número de participantes	26	30
Sexo	12 Masc., 14 Femininos	16 Masc., 14 Femininos
Idade média	28	32
Tempo que fumou	10-15 anos	10-15 anos
Intensidade	15-20 cig./dia	20 cig./dia
Cigarros	Sem filtro (predominante)	Idem
Co-morbidez	13	11
Bronquite crônica	8	10
Hepatite	2	0
Úlcera gástrica	1	1

**Tabela 2: Dados do acompanhamento**

Tempo	Plano de 5 dias Não-fumantes ainda	Respire livre Não-fumantes ainda
2 semanas	22 (84,61%)	28 (93,33%)
2 meses	20 (76,92%)	24 (80%)
6 meses	14 (53,86%)	20 (66,66%)
12 meses	12 (46,15%)	18 (60%)

“New Start”, duas vezes por semana antes do noticiário da manhã — um horário excelente.

Que aprendemos desta experiência?

- Os estudantes adventistas em universidades seculares podem ser instrumentos úteis nas mãos de Deus para levar Sua mensagem de amor a outros estudantes e mudar-lhes a vida.
- Os programas de saúde abrem portas de oportunidade para o testemunho, portas antes fechadas.
- Os estudantes anseiam por relações pessoais significativas. Se os estudantes adventistas são amistosos e demonstram interesse, isso pode fazer uma diferença.
- Programas evangelísticos em universidades seculares não precisam ser dispendiosos. Use abordagens simples que enfatizem carinho e interesse genuíno pela saúde e espiritualidade dos outros.
- Ao experimentarem os estudantes a comunhão de uma igreja carinhosa, centrada em Cristo e inspirada pela graça, eles naturalmente indagam sobre o que torna

os adventistas diferentes e como fazer parte da igreja.

- Organize uma filial da CAUPA ou uma Associação Adventista no campus. Uma vez registrada, a Comissão de Apoio a Universitários e Profissionais Adventistas pode funcionar com mais liberdade para promover atividades que fortaleçam o companheirismo e evangelismo. A CAUPA não só fortalece os estudantes adventistas através de relações interpessoais, mas também provê um modo organizado de envolver outros estudantes e profissionais na comunidade.
- A melhor maneira de combater o secularismo adventista é envolver-se na missão adventista — onde você se encontra.

*Stefan Mihaicuta, M.D., é professor assistente de pneumologia na Faculdade de Medicina e Farmácia de Timisoara, Romênia. Seu endereço postal: Dimbovita str., nr. 8A, app. 9; Timisoara; 1900 Romênia. E-mail: mihaicuta@mailexcite.com*



## **Heirs of the Reformation: the Story of the Seventh-day Adventist Church in Europe**

Hugh Dunton, et al., eds. (Grantham, Lancs. Inglaterra: Stanborough Press, 1997; 274 págs.; brochura).

Revisto por Floyd Greenleaf.

**H**eirs of the Reformation [Herdeiros da Reforma] é uma das primeiras tentativas feitas pelos adventistas do sétimo dia no sentido de aprofundar-se na história de sua igreja na Europa. Crendo que a maioria dos adventistas europeus sabe pouco sobre as origens e o desenvolvimento de sua igreja, Harry Leonard, da Inglaterra, e Baldur Pfeiffer, da Alemanha, conceberam um livro popular que tanto informaria como inspiraria. Por conseguinte, uma comissão editorial da Stanborough Press publicou esta coleção de breves histórias de líderes e sucintos relatos históricos dos adventistas em quase todos os países da Europa.

Como todos os livros, este tem deficiências e virtudes. Visto que cerca de 40 autores escreveram os quase 50 capítulos, os leitores acharão o texto desigual. O livro não é coeso; cada capítulo fica de pé por si só e os leitores captam uma visão fragmentada do adventismo na Europa. Essa descontinuidade, contudo, é um lembrete tácito de que a história adventista na Europa tem de fato sido segmentada. Por muitas razões legítimas, não há uma Divisão Européia da Associação Geral comparável com as muitas divisões em outras áreas. A organização eclesiástica na Europa tem mudado repetidas vezes, o que significa que a história dos adventistas europeus tem sido fragmentada.

Estas circunstâncias explicam os muitos problemas ao traçar a história do adventismo na Europa. Os editores merecem muito crédito por reunir os capítulos e uni-los com observações temáticas na introdução. Um tema é que os adventistas europeus herdaram o legado da Reforma Protestante.

O livro implicitamente sustenta esta noção. Impelidos pela convicção de que têm uma mensagem baseada na Bíblia, os adventistas estabeleceram presença em quase todos os países da Europa, mas a Europa não tem sido um lugar fácil para o qual transplantar idéias religiosas diferentes ou uma igreja organizada de início nos Estados Unidos. A intolerância de igrejas estabelecidas, a hostilidade de regimes autoritários e os efeitos debilitantes do secularismo, para mencionar alguns dos problemas, têm todos contribuído para o ambiente duro e às vezes amargo que os adventistas europeus têm suportado. Em comparação com muitas outras partes do mundo, o crescimento da igreja tem sido lento; em algumas regiões, mal existe. Os editores crêem que a tendência presente dos adventistas europeus é enfatizar as verdades eter-

nas em sua mensagem, retendo ao mesmo tempo as doutrinas distintas da igreja. Esta tendência coincide com a mentalidade da Reforma.

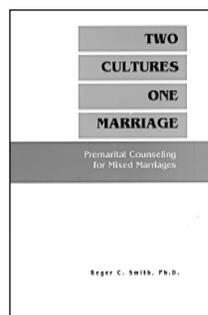
O livro oferece uma visão mais anedótica do que acadêmica da igreja, mas inclui aspectos acadêmicos. Os autores ocasionalmente oferecem reflexões sobre o que escreveram. Os gráficos demonstrando o modelo do crescimento da igreja em muitos países europeus provêm informação valiosa. Os apêndices incluem uma tabulação das populações adventistas nos países europeus e uma lista de missionários adventistas que partiram da Europa. Também bastante úteis são as anotações bibliográficas no fim de cada capítulo.

Se é verdade que os adventistas europeus não sabem muito da história de sua igreja, podem ficar tranquilos porque seus companheiros ao redor do globo estão igualmente mal-informados sobre a história denominacional além de suas terras. Os adventistas na África, Ásia e nas Américas aprenderão muito dos *Heirs of the Reformation*.

Talvez este livrinho impressionante faça surgirem publicações adicionais sobre o movimento adventista fora da América do Norte, algo que seria bem oportuno nesta era da Missão Global.

---

Floyd Greenleaf (Ph.D., Universidade de Tennessee) é educador e escritor adventista jubilado. Sua obra em dois volumes, *The Seventh-day Adventist Church in Latin America and the Caribbean* (Andrews University Press, 1992), foi revista em *Diálogo* 5:3.



## **Two Cultures, One Marriage: Premarital Counseling for Mixed Marriages**

Reger C. Smith (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1996; 136 págs.; brochura).

Revisto por Linda Mei Lin Koh.

**R**eger C. Smith, professor de assistência social na Andrews University, proveu um guia muito prático e necessário para casais e conselheiros matrimoniais, nos casos de casamentos culturalmente mistos.

O livro de Smith ressalta questões importantes que os conselheiros devem levar em conta quando trabalham com casais mistos. Estas questões são: (1) Características de relações bem-sucedidas entre duas culturas; (2) ensinamentos bíblicos sobre casamento entre duas crenças ou religiões; (3) filhos de casamentos mistos; e (4) recursos pessoais que promovem um aconselhamento bem-sucedido entre culturas. O livro também apresenta sugestões sobre estilos, conteúdo e metodolo-

gia do aconselhamento sobre casamentos mistos.

Embora o autor reconheça que o livro não é um tratamento abrangente do tema dos casamentos mistos, serve como excelente introdução para informar conselheiros sobre diretrizes relevantes e riscos no aconselhamento entre culturas. O autor faz uso de uma perspectiva cristã em sua tarefa, advertindo conselheiros contra uma atitude negativa em face de casamentos mistos. É tarefa do conselheiro guiar os parceiros para tomarem decisões apropriadas; não é sua responsabilidade impedir ou encorajar o casamento.

Smith discute as características de grupos culturais específicos nos Estados Unidos, e isso ajuda os conselheiros a compreenderem a dinâmica de como a cultura afeta o casamento. O livro é bem escrito e documentado. Os apêndices contêm uma boa coleção de exercícios de aconselhamento e um questionário para os conselheiros usarem para uma boa arancada. Os leitores que são conselheiros profissionais não quererão perder este manual.

---

Linda M. L. Koh (Ed.D., Andrews University) é diretora dos Ministérios da Mulher, Criança e Família da Divisão Sul-Asiática do Pacífico, com sede em Silang, Cavite, Filipinas. Um excerto do livro do Dr. Smith é publicado neste número de Diálogo, págs. 8-10.



### Heaven's Lifestyle Today

William Dysinger (Silver Spring, Maryland: The Ministerial Association, 1997; 160 págs.; brochura).

Revisto por Hedrick J. Edwards.

No livro *Heaven's Lifestyle Today*, William Dysinger sintetizou o que devem ser seus melhores pensamentos sobre saúde e cura como tema essencial da mensagem e missão cristãs. Poucas pessoas estão mais bem qualificadas para tratar do assunto com objetividade e autoridade. O autor — médico, educador, co-fundador de uma Escola de Saúde Pública e consultor na área de desenvolvimento da saúde internacional — tem dedicado a melhor parte de 40 anos de trabalho ao ministério da saúde e cura na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Bem-informado sobre ciências médicas e da saúde, ele é apaixonado pela missão mundial.

Dysinger aborda seu tema no contexto das mensagens dos três anjos de Apocalipse 14. A tese do autor é que a saúde e a cura, devidamente concebidas e traduzidas ao estilo de vida individual e coletivo dos crentes, é a chave para a interpreta-

ção correta do evangelho. Ele lembra aos leitores a essência do evangelho: boas novas sobre Deus, que é digno de nossa confiança e adoração e que, como Pai, vem a Seus filhos como Aquele que lhes cura os males físicos, mentais e espirituais. Assim, ressalta ele na Primeira Parte que, como elemento essencial de adoração inteligente, devemos “comer para a glória de Deus”, “beber para a glória de Deus” e “fazer tudo para a glória de Deus”.

Nas Partes 2 e 3, Dysinger identifica Babilônia e explica as conseqüências da falsa adoração. Babilônia não é uma metáfora corriqueira, nem é vista como uma organização particular. É o espírito de “paixão impura” — uma plethora de conceitos confusos sobre a vida e de práticas destrutivas que operam em oposição à glória de Deus e à adoração autêntica. À base desta confusão, observa o autor, está a falsa noção que permeia boa parte do mundo religioso, comercial e social: “se tem boa aparência e bom paladar, deve ser bom; portanto, viva por seus sentimentos” (pág. 87). Este é o fundamento da idolatria de si mesmo, cuja origem é satânica.

O autor argumenta que um estilo de vida governado por tal princípio, e não pelos princípios do evangelho, é dominado pela tensão e é inconsistente com a saúde, a cura e o verdadeiro repouso. Citando bom número de descobertas científicas, ele explica que a epidemia de vícios, a disseminação de doenças fatais, o abuso e abandono de mulheres e crianças, a ruptura do casamento e da família e patologias de várias espécies são apenas algumas das conseqüências mais óbvias desse estilo de vida. A mensagem do evangelho, em contraste, leva à fé em Jesus e é mais bem expressa em estilos de vida que se harmonizam com o desígnio de saúde e vida para toda a humanidade.

*Heaven's Lifestyle Today* é significativo por causa do modo como integra amplas intuições espirituais com dados científicos relevantes e um apelo prático. Fala à mente, bem como ao coração. Há suficiente profundidade e detalhe para ocupar o leitor bem informado e sério. Ao mesmo tempo, o livro é repleto de ilustrações concretas que o tornam legível e interessante, apresentando desafios ao principiante e inquiridor. Suas 160 páginas são bem estruturadas e documentadas, contendo referências pormenorizadas no final de cada capítulo e um glossário de sete páginas depois da discussão.

---

Hedrick J. Edwards (Dr. em Saúde Pública, Loma Linda University) dirige o Departamento de Instrução de Saúde do Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, Cavite, Filipinas. Trabalhou como professor e missionário em vários países.

## Ensine alguém, alcance alguém: Alfabetização e missão adventista

Ardis Stenbakken

**N**ão faz muito tempo, dois meninos de 12 anos atraíram uma criancinha para um apartamento no nono andar de um edifício e a jogaram pela janela abaixo. Agora estão na prisão. Se você fosse responsável pela reabilitação desses dois juvenis, que faria?

Que faria você se soubesse de uma jovem mãe cujos filhos estivessem sempre doentes — com doenças evitáveis, mas a mãe parece nunca dar atenção ao material que você ou a igreja ou o governo lhe fornece?

Se você conhecesse um homem em sua igreja, o qual obviamente ama ao Senhor, mas raramente participa nas atividades da igreja e nunca pode estudar a lição da Escola Sabatina por conta própria, como conseguiria envolvê-lo?

Ou suponha que lhe pedissem para começar uma igreja adventista numa vila ou na parte antiga da cidade, em qualquer lugar do mundo; que programa seria mais eficaz?

A resposta a todas essas perguntas é alfabetização. Tome a história de Chicago. Quando os meninos foram para a prisão, um deles estava no nível 3 — a classificação para os juvenis mais mal-comportados e menos cooperativos. A escola nada conseguiu. Então ele foi entregue aos cuidados de um professor particular cristão. Dentro de dois anos, melhorou tanto que passou para o nível 1, entre os mais bem-comportados e cooperativos. Melhor ainda, ele conheceu a Jesus. “Sou uma nova pessoa”, diz ele, e os carcereiros confirmam a mudança.

### O desafio de um bilhão

Nas torres de marfim das escolas é difícil imaginar que alguém, a não ser uma criança, não saiba ler, mas as Nações Unidas calculam que no mundo hoje há cerca de um bilhão de adultos

que não sabem ler ou escrever o suficiente para atingir seus alvos básicos na vida. Muitos não sabem ler nada. As Nações Unidas calculam que, por volta do ano 2000, 98 por cento deles estarão nos países em desenvolvimento. Em 1990, os países em desenvolvimento da Ásia compreendiam 70 por cento da população analfabeta do mundo. Em 48 dos 102 países em desenvolvimento, o índice de analfabetismo excede 40 por cento. A Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO) relata que a proporção de alfabetizados nos Estados Unidos ultrapassa 95 por cento, mas um recenseamento descobriu que pelo menos 45 por cento da população dos Estados Unidos tem habilidades básicas baixas ou bastante limitadas. Outros países desenvolvidos têm problemas semelhantes. De acordo com a UNESCO, uma pessoa alfabetizada é “alguém que pode, com entendimento, ler e escrever uma declaração breve e simples sobre a sua vida de cada dia”. O analfabetismo é particularmente um problema para as mulheres. Um elevado índice de analfabetismo ainda prevalece em grande parte da África, Ásia, Oceania, América Latina e do Caribe. Em países com elevados índices de analfabetismo, a proporção de analfabetas entre mulheres de 15 a 24 anos é pelo menos 25 por cento mais alta que a dos homens da mesma idade. Para mulheres mais velhas, o analfabetismo é alto em quase todos os países em desenvolvimento, tipicamente duas vezes ou mais que a de jovens entre 15 e 24 anos.<sup>1</sup>

### A alfabetização e a igreja

Um índice de alfabetização mais alto é importante, mas por que é importante para a igreja? Basicamente porque a alfabetização abre as portas para a com-

preensão do que seja o evangelho. A pessoa alfabetizada pode ir diretamente à Palavra de Deus, e descobrir lá o plano e o propósito de Deus para a vida. Saber ler também torna possível satisfazer suas necessidades — físicas, emocionais, sociais e espirituais.

Uma parte importante do ministério da igreja é satisfazer as necessidades das pessoas. Era isso que Jesus fazia. Ellen White declara: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue me’”.<sup>2</sup>

Nunca é demais enfatizar a importância da avaliação das necessidades. Jesus conhecia as necessidades do povo e Seu ministério era orientado a satisfazer essas necessidades. Se sabemos das necessidades do povo hoje, podemos desenvolver respostas apropriadas. Uma das necessidades mais óbvias é a necessidade de alfabetização — a capacidade de ler e escrever.

Os fatos e os números são assustadores, mas também contam a história. A população do mundo passa um pouco de 5,2 bilhões de habitantes. A Bíblia completa está agora ao alcance de 97 por cento das pessoas em sua língua materna. Mas muita dessa gente não sabe ler. Os analfabetos compreendem a vasta maioria das pessoas que ainda não foram alcançadas pelo evangelho.

A alfabetização é importante para a igreja por dois motivos principais: a formação de membros mais maduros e o trabalho de evangelização. É óbvio que, a menos que uma pessoa saiba ler com certa fluência, ela não poderá ler a Bíblia ou qualquer outra coisa que a igreja produz. Essas pessoas não podem dar

nenhum tipo de estudo bíblico que exija leitura ou escrita. Não podem ler Ellen White ou qualquer outro material devocional ou educacional. Se são pais, não podem ler a lição da Escola Sabatina para seus filhos.

Membros iletrados também achariam difícil participar plenamente de atividades de liderança na igreja. Ademais, muitos desses iletrados vivem em áreas do mundo nas quais tem sido particularmente difícil disseminar a mensagem cristã. Com tantos membros analfabetos, como pode a igreja envolvê-los no trabalho missionário?

Aqueles que estudaram a implantação de igrejas descobriram que em áreas do mundo onde menos de 50 por cento da população é alfabetizada, ensinar a ler, especialmente em classes baseadas na Bíblia, é uma das maneiras mais rápidas de fundar uma congregação. Num recenseamento feito nos Estados Unidos, metade dos pesquisados disse que a razão por que queriam aprender a ler era para que pudessem ler a Bíblia e participar nas atividades da igreja.

A Palavra, Jesus Encarnado, é suprema. Mas a menos que a pessoa saiba ler, o acesso à Palavra é difícil. É vital que os cristãos possam estudar e confirmar sua fé. Um pastor africano disse certa vez: “Os ditadores gostam de um eleito- rado iletrado; os iletrados acreditam em qualquer coisa que se lhes diga”. Não queremos membros da igreja que creiam em tudo que se lhes diz; queremos que estudem verso após verso, para conhecer a verdade e apegar-se a ela.

### **Alfabetização e desenvolvimento cristão**

Os analfabetos são cativos, prisioneiros de sua limitação. Ao levarmos adiante a obra de Cristo, também podemos dizer: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4:18, 19).

Como Hammerly observa: “Oferecer a outros o dom de ler é um serviço cristão valioso que os habilita a viver vidas

mais interessantes e muito mais úteis. Além disso, a obra de alfabetização presta-se muito bem para comunicar o evangelho de modo gradual e discreto”.<sup>3</sup>

A alfabetização bíblica pode ajudar a igreja de outros modos também:

1. Dá aos membros da igreja a oportunidade de ministrar a outros de um modo que não assusta. Encoraja tanto o professor como o aprendiz a se tornarem leitores diários da Bíblia.
2. Os não-cristãos saberão que o professor se importa com eles, por causa da ajuda que recebem. Terão a curiosidade de saber por que o professor é tão amável e bondoso; estarão mais abertos para o evangelho.
3. A alfabetização que utiliza a Bíblia fortalece a congregação, se membros da igreja aprendem a ler. Uma igreja que lê a Bíblia é uma igreja forte e que cresce.
4. Os programas de alfabetização podem facilitar a cooperação não política com governos, porque quase todos os governos querem que seu povo saiba ler. A capacidade de ler fortalece a vida da comunidade e promove uma melhor compreensão das questões relacionadas com saúde, criação de filhos, ambiente, higiene, etc.
5. A igreja torna-se ativa na comunidade local. A alfabetização é uma das melhores formas de serviço social nas quais a igreja se possa empenhar.

É aqui que você entra em cena. Você é alfabetizado. É membro da igreja. Por que não ensinar alguém a ler e escrever? Por que não envolver sua igreja no programa de alfabetização? Por que não ensinar alguém e tocar alguém?

---

*Ardis Dick Stenbakken é diretora do Ministério da Mulher na Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Ela é professora registrada na Sociedade Laubach e treinadora de professores dos Voluntários da Alfabetização da América. Seu endereço postal: 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; E.U.A. E-mail: 102555.2653@compuserve.com*

### **Notas e referências**

1. *The World's Women 1995: Trends and Statistics* (New York: United Nations, 1995).
2. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 3ª ed.), pág. 143; itálico acrescentado.
3. Hector Hammerly, “The Teaching of Literacy and ESL/EFL, as Outreach Ministries”. Manuscrito não publicado.

### **Envolve-se na alfabetização — e faça uma diferença!**

- Leia para uma criança.
- Leia para um inválido.
- Crie interesse na alfabetização em sua comunidade ou congregação.
- Informe-se sobre programas de alfabetização em sua área.
- Verifique o tipo de programa de alfabetização que ainda é necessário.
- Faça uma contribuição financeira para o programa de alfabetização.
- Estabeleça um programa de alfabetização.
- Arranje espaço em sua igreja para um programa de alfabetização.
- Torne-se professor de alfabetização.
- Dirija um programa de alfabetização.
- Arranje transporte para um aluno da classe de alfabetização.
- Providencie quem cuide das crianças durante uma aula de alfabetização.
- Dê um jogo de material de leitura.
- Envolve-se no sistema educacional de sua comunidade.
- Defenda educação igual para todos.

### **Se você deseja começar...**

Se você quer começar um programa de alfabetização e deseja obter mais informações, escreva à diretora do Ministério da Mulher em sua Divisão (os endereços estão alistados à página 2 desta revista). Peça o informe do Ministério da Mulher, *So you Want to Begin a Literacy Program?* Pode haver um pequeno custo para a cópia. Ou escreva diretamente para Ardis Stenbakken, cujo endereço aparece no final do artigo. Custo do manual: US\$5,00.

## Amplie Sua Rede de Amizades

**E**studantes adventistas de faculdades e universidades e profissionais interessados em trocar correspondência com colegas em outras partes do mundo.

**Bernadette Achille:** 28; solteira; professora, fazendo estudos superiores; interesses: leitura, música, viagem e costura; correspondência em francês ou inglês. Endereço: 657 Lotissement Copaya; 97351 Matoury; GUIANA FRANCESA.

**Mylene Chua Aguirre:** 26; solteira; enfermeira auxiliar num hospital; interesses: viajar, música evangélica, tocar piano e cantar; correspondência em inglês ou filipino/tagalog. Endereço: c/o Royal Valley S.D.A. Elementary School; McArthur Highway, Bangkal; Davao City; 8000 FILIPINAS.

**Jamida Ezen Ahsoon:** 26; solteira; enfermeira no Hospital Adventista de Penang; interesses: natureza, tocar violão, cozinhar e colecionar selos; correspondência em malaio ou inglês. Endereço: 1 E Advent Court; No. 1 Midlands Drive; Penang; 10350 MALÁSIA.

**Julita C. Alberio:** 29; solteira; com diploma em agricultura educacional; interesses: leitura, canto e viagem; correspondência em inglês. Endereço: Sitio Dapdp, Balocaw; Abuyog, Leyte; 6510 FILIPINAS.

**Leah C. Almazora:** 25; solteira; enfermeira alto-padrão; passatempos: ler, ouvir música religiosa, tocar piano e fazer novos amigos; correspondência em inglês. Endereço: 1221 Scott Avenue; Dalhart, TX 79022; E.U.A.

**Marcia Diniz Teixeira de Amorim:** 23; solteira; completa um curso de artes plásticas na Universidade Federal da Bahia, estuda canto e ensina arte; interesses: colecionar cartões postais; foto-

grafia, eletrônica e natureza; correspondência em português, inglês ou espanhol. Endereço: Avenida 2 de Julho, No. 54; 40725-720 Periperi, SSA - BA; BRASIL.

**Jane Kerubo Arama:** 29; solteira; completou um curso sobre história da arte e pedagogia; interesses: ler novelas e ouvir música; correspondência em inglês. Endereço: University of Eastern Africa, Baraton; P.O. Box 2500; Eldoret; QUÊNIA. E-mail: ueab@tt.gn.apc.org

**Karen Delnia de Assis:** 20; solteira; trabalha como artista, planeja estudar arqueologia; interesses: história, futebol e esportes em geral; correspondência em português ou inglês. Endereço: Av. Benedito Bento 868, J. Morumbi; 12236-580 S. José dos Campos, S.P.; BRASIL.

**Rodrigue K. Ayevor:** 22; solteiro; pintor e decorador; interesses: artes e atividades missionárias; correspondência em francês ou inglês. Endereço: Eglise Adventiste du 7e. Jour, Paroisse d'Adidogome; B.P. 1222; Lome; TOGO.

**Leslie Ann M. Bejarin:** 19; solteira; estuda contabilidade; interesses: tênis de mesa, colecionar selos e cartões postais e ouvir música; correspondência em filipino ou inglês. Endereço: 143 Quezon Avenue; Midsayap, Cotabato; 9410 FILIPINAS.

**Rotcel Caballero:** 25; solteira; estuda línguas estrangeiras; interesses: aprender de outras culturas e romper barreiras entre culturas através da música e da arte; correspondência em espanhol, francês, inglês, italiano ou holandês. Endereço: C/ Adams E-14; Parkville, Guaynabo; Puerto Rico 00969; E.U.A.

**Erik Coro Velazquez:** 28; solteiro; faz curso de técnico de eletricidade; interesses: colecionar cartões postais e selos, esportes, assuntos religiosos e poesia; correspondência em espanhol ou inglês. Endereço: Ave. 74, Edifício 66-B, Apto. 3, 2o. Piso; Pueblo Griffó, Cienfuegos; 55500 CUBA.

**Cleide da Silva Deodato:** 22; solteira; professora em escola adventista; interesses: acampar, trocar cartões postais e fazer novos amigos; correspondência em português, espanhol ou inglês. Endereço: R. Pedro A. Zimmermann 564,

Sítio Cercado I; 81810-260 Curitiba, PR; BRASIL.

**Asamoah Emmanuel:** 21; solteiro; estuda teologia; interesses: cantar e tocar piano; colecionar cartões postais e estudar a Bíblia; correspondência em inglês. Endereço: Valley View College; P.O. Box 9358; Airport, Accra; GANA.

**Sibyla Encalada:** 21; solteira; estuda obstetrícia e pediatria na Universidade de Antofagasta; interesses: música, acampamentos, natureza e estudos sobre reprodução humana sob uma perspectiva cristã; correspondência em espanhol ou inglês. Endereço: Avda. Angamos eq. Gral. Borgono; Hogar Universitario Lenka Franulic; Antofagasta; CHILE.

**Rene Flores:** 28; solteiro; completa um curso de música e trabalha como operador de rádio; interesses: viajar, cantar em grupo, comunicação, tocar piano e flauta; correspondência em espanhol. Endereço: Universidad Adventista de Chile; Casilla 7-D; Chillan; CHILE.

**Sonia Regina Friedrich:** 42; separada; secretária; interesses: viajar, fazer evangelismo e novos amigos; correspondência em português ou espanhol. Endereço: Rua Marechal Deodoro, 277, Vila Diadema; 09912-020 Diadema, S.P.; BRASIL.

**Nkosilathi Hadebe:** 22; solteiro; faz curso de engenharia mecânica; interesses: nadar, acampar, interação entre culturas e computação; correspondência em inglês. Endereço: Chinhoyi Technical College; P. Bag 7724, Hostel D; Chinhoyi; ZIMBABUE.

**Yariela I. Hernández:** 22; solteira; estuda administração de empresas na Universidade Adventista da América Central; interesses: ler, nadar e fazer novos amigos; correspondência em espanhol. Endereço: Apartado 138; Alajuela; 4050 COSTA RICA.

**Leila Isaura de Jesus:** 34; solteira; diplomada em recursos humanos e piano; interesses: música, cantar e fazer novos amigos; correspondência em português. Endereço: Rua Guatucupa, No. 9, Vila Lília; 08010-400 São Miguel Paulista, S.P.; BRASIL.

**Juliet N. Kalemela:** 22; solteira; estuda contabilidade por correspondên-

cia; interesses: música, viajar, ler novelas e cantar; correspondência em inglês. Endereço: c/o Miss M. Kasato; P.O. Box 4041; Kampala; UGANDA.

**Cyntia d/o Kandiah:** solteira; enfermeira, nascida na Índia; passatempos: ler, desenhar e fazer novos amigos; correspondência em inglês. Endereço: 52 H, Block 5; Asbhy Flats; 30450 MALÁ-SIA OCIDENTAL.

**Amoah Eric Kwaku:** 23; solteiro; estuda administração de empresa e economia; passatempos: futebol, música, drama e escrever cânticos; correspondência em inglês. Endereço: S.D.A. Church; P.O. Box 128; Akim-Oda, Eastern Region; GANA.

**Abraham Lozano:** 23; solteiro; estuda teologia na Universidade de Montemorelos; interesses: música cristã, viajar e escrever poesia; correspondência em espanhol. Endereço: C. 13 #660, Col. Libertad; Tijuana, B.C.N.; 22300 MÉXICO.

**Fernando Martínez:** 23; solteiro; natural da Argentina, estuda engenharia agrícola; interesses: acampar, colecionar selos e boa música; correspondência em espanhol ou português. Endereço: Universidad Adventista de Chile; Casilla 7-D; Chillan; CHILE.

**Niwagwene Phidel Mayeye:** 24; solteiro; formou-se em pedagogia no Tukuyo Teachers College; passatempos: cantar e ouvir música religiosa, atletismo e partilhar experiências cristãs; correspondência em inglês. Endereço: c/o S.C.B. Mayeye; P.O. Box 128; Sumbawanga; TANZÂNIA.

**Martha J. Melo:** 31; solteira; psicóloga industrial; interesses: poesia, música, cozinha vegetariana, esportes e ecologia; correspondência em espanhol, inglês, português ou francês. Endereço: Jr. Coronel I. Suarez 241, Urb. Chacra Cerro Km. 13; Comas, Lima; PERU.

**Matthew Munofa:** 26; solteiro; estuda inglês e história; passatempos: ouvir música, levantar peso, jogar futebol e aprender outras línguas; correspondência em inglês ou português. Endereço: Box 31418; Lusaka; ZÂMBIA.

**Luis Alberto Pacheco S.:** 33; casado; técnico de artes gráficas e de computador; estuda comunicação social e de massa na Universidad del Sur de Bogot

tá; interesses: pintar, tocar piano e flauta, escrever poesia e dirigir um programa de rádio para ajudar os jovens; correspondência em espanhol ou inglês. Endereço: Calle 102 #13-54; Almacen Juvenil Turbo; Antioquia; COLÔMBIA.

**Arnelle Clarisse Pakeli:** 24, solteira; tem dois filhos; empregada do correio; interesses: música religiosa, leitura, natureza e aprender de outras culturas; correspondência em francês ou inglês. Endereço: Centre de Tri-postal; Yaounde; CAMARÕES.

**Louere Grace Paypa:** 22; solteira; enfermeira alto-padrão e estuda medicina; interesses: tocar piano e clarineta e colecionar selos; correspondência em inglês. Endereço: Mindanao Mission Academy; Manticao, Misamis Oriental; 9024 FILIPINAS.

**Cesar Alexis Rifo I.:** 20; solteiro; estuda engenharia florestal; interesses: música cristã, cantar, correr, ciclismo e voleibol; correspondência em espanhol ou inglês. Endereço: Avda. Altamira 02060; Villa Altamira; Temuco; CHILE.

**Karim Eddine Rouibet:** 31; solteiro; engenheiro petroquímico; passatempos: ouvir música clássica e religiosa, jogar xadrez e estudar a Bíblia; correspondência em francês ou inglês. Endereço: B.P. 39 K.S.M.; Bl. Des 20 Logts des Enseignants; 15000 Tizi-Ouzou; ARGÉLIA.

**Eduard-Dismas Sakubu:** casado com três filhos; formado em humanidades e é operador de rádio; interesses: ler e ouvir música; correspondência em francês, swahili, kirundi ou inglês. Endereço : c/o Beatrice Simbaruhije, Facagro - Burundi; B.P. 2940; Bujumbura; BURUNDI.

**Khin Khin Su:** 19; solteira; está cursando matemática; interesses: ler e ouvir música; correspondência em inglês. Endereço: c/o U Khin Maung Nyunt; D-15 Myo Ma Market; Kalembo, Sagaing Division; MYANMAR.

**Maria Isabel Tames:** 50; divorciada; trabalha para Adventist World Radio e estuda inglês; interesses: trocar cartões postais, viajar, ler, ouvir música clássica e cozinhar; correspondência em espanhol ou inglês. Endereço: Apartado 1737-4050; Alajuela; COSTA RICA. E-mail: rmadvent@sol.racsaco.cr

**Yee Yee Than:** 23; solteira; concluindo o curso de matemática; passatempos: cozinhar, cantar, ouvir música e fazer novos amigos; correspondência em inglês. Endereço: c/o U. Than Ngwe - Daw Tin Ohn; Bayint Naung Road, Aung Mingalar Quarter; Kalembo, Sagaing Division; MYANMAR.

**Many Joy Tobongbanua:** 25; solteira; concluindo odontologia; interesses: ler, nadar, cozinhar, música clássica e religiosa; correspondência em inglês. Endereço: Baga-as Subd.; E. B. Magalona, Negros Occidental; FILIPINAS.

**Alice-Blanca Visan:** 19; solteira; estuda finanças internacionais na Academy of Economic Studies; passatempos: trocar cartões postais, música, carros e trabalhar com crianças; correspondência em romeno, italiano e inglês. Endereço: Masina de Paine Street, No. 39, Bl. OD 59 A. Sc. A, Etj. 7, Apart. 29, Sector 2; 72213 Bucareste; ROMÊNIA.

**Tanya Zueyva:** 25; solteira; professora em escola paroquial; passatempos: ler, trocar cartões postais e fazer novos amigos; correspondência em russo ou inglês. Endereço: Pzerzhinskogo, h. 14, apt. 25; Ryazan City; 390013 RÚSSIA.

Se você é universitário ou profissional adventista e quer ter seu nome alistado aqui, envie-nos seu nome e endereço postal, indicando sua idade, sexo, estado civil, estudos correntes ou diploma obtido, faculdade ou universidade que está frequentando ou da qual graduou-se, passatempos ou interesses e língua(s) nas quais quer corresponder. (Vamos indicar seu endereço no "e-mail", se no-lo fornecer). Envie sua carta a *Dialogue Interchange*: 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, EUA. Você pode também usar e-mail: 104472.1154@compuserve.com. Por favor, datilografe ou use letra de imprensa clara. Só alistaremos aqueles que fornecerem toda informação pedida acima. A revista não assume responsabilidade pela exatidão da informação dada ou pelo conteúdo da correspondência que possa resultar.

## Sua mão orientadora

Claudio Durán

**L**ançando um olhar retrospectivo sobre os rumos errados, os desvios e ziguezagues de minha vida, sou profundamente grato ao reconhecer como Deus tem-me guiado passo a passo.

Nasci em Guaqui, uma cidadezinha nos planaltos da Bolívia. Meu pai freqüentou uma escola católica e serviu por algum tempo como coroinha. Guardava algumas imagens de santos numa prateleira em casa e freqüentemente usava frases em latim que aprendera na igreja.

Como menino, eu era curioso, fascinado por linguagem e interessado em leitura. Estudando a matéria de religião na escola primária, aprendi de cor o catecismo todo. O sacerdote ficou tão impressionado que, quando eu estava pronto para começar os estudos secundários, ele insistiu com meus pais para que me levassem à capital e me matriculassem numa escola secundária católica, de modo a poder um dia tornar-me padre. Aqueles planos, porém, nunca se materializaram.

Em vez disso escolhi ser professor, e freqüentando a escola normal perdi o interesse na religião. Durante aqueles anos, muitos países latino-americanos estavam em comoção, sacudidos por demonstrações políticas, levantes e revoluções. Impelido por meu amor à liberdade e paixão pela justiça, comecei a freqüentar grupos esquerdistas onde a história de nossos países era analisada sob uma perspectiva marxista. Logo a revolução cubana me deu a esperança de que mudanças semelhantes também poderiam ocorrer em minha pátria, se agíssemos unidos, corajosamente. Em poucos anos passei do cristianismo nominal para o ateísmo militante.

### Uma vívida visão

Quando completei meu preparo como professor, viajei para Havana com

um grupo de ativistas políticos. Lá recebi uma bolsa que me permitiu continuar os estudos superiores em Cuba. Mergulhei totalmente em estudos e pesquisas, não só de literatura, mas também de idéias políticas. Uma noite, quando já estava para pegar no sono, tive uma nítida visão. Por uma fração de segundo, vi Jesus em roupa vermelha, olhando para mim com uma expressão bondosa. Fiquei paralisado. Como podia um marxista militante receber uma visão de Jesus? Em quem podia eu confiar, para discutir o significado do que tinha visto? Decidi guardar silêncio e arquivar aquela visão inolvidável.

Finalmente voltei à Bolívia, pronto para organizar células revolucionárias e mudar o *status quo*. Somente uma revolução libertaria nossa pátria da opressão, ignorância e atraso. Fiz contato com grupos semelhantes no vizinho Peru. Estávamos prontos para tudo, mas o progresso era lento. Naquela ocasião, Che Guevara, o lendário revolucionário, foi pego na selva boliviana e morto, abandonado pelos políticos profissionais que o haviam mandado para lá. Ficamos tristes e desiludidos. Perguntei-me se não estivera seguindo uma miragem na minha busca de liberdade e sentido para a vida.

Em 1974 meus pais faleceram e voltei para minha cidade natal. Senti-me solitário e sem rumo. Minhas noites eram desperdiçadas em farra. Uma noite resolvi não sair e permanecer sóbrio. Procurando algo para ler, achei uma velha Bíblia que tinha perdido muitas de suas páginas. Começando com o primeiro capítulo de Gênesis, continuei até atingir a história da Torre de Babel. Anos antes eu tinha caçado dessa história, mas naquela noite causou-me profunda impressão. Estaria eu também desafiando a Deus?

## Uma voz clara

No ano seguinte, enquanto lecionava na cidade de Rosário, conheci o diretor da escola adventista e ficamos amigos. Um dia pedi-lhe algo para ler, “contanto que não falasse de Deus”. Emprestou-me *The Seventh Day* [O Sétimo Dia], de Booton Herndon. Fiquei fascinado com a profecia dos 2.300 dias, a história do Movimento Adventista e o significado do sábado. Li o livro de uma assentada, a noite toda. Quando os primeiros raios da aurora entraram pela janela, comecei a ouvir vozes que me atormentavam mentalmente. Era como se demônios quisessem impedir-me de seguir a verdade. Meus amigos ficaram bastante preocupados, mas não sabiam como ajudar-me. No dia 7 de setembro, caí de joelhos e pela primeira vez em minha vida adulta orei a Deus por livramento. No meio de minha confusão, lembro-me de ter ouvido Sua voz dizendo: “Você precisa servir-Me”. Subitamente, senti paz interior. Um de meus colegas no magistério era filho de um pastor protestante. — A que igreja devo associar-me? — perguntei-lhe. Sua resposta honesta foi: — O Senhor lhe mostrará o caminho. — E foi isso que aconteceu.

Certa ocasião eu tinha servido de mensageiro, levando uma carta de um conhecido à sede da Missão Adventista em La Paz. Alguém deu a entender que a carta não tinha sido entregue. Senti-me profundamente ofendido. Da próxima vez que viajei para a capital, perguntei sobre a carta e foi-me dito que ela havia de fato alcançado seu destino. Quando perguntei onde poderia comprar uma Bíblia, encaminharam-me para a Livraria Adventista. Fiquei surpreendido com a variedade de livros à venda e pedi ao caixa que me recomendasse um. Mostrou-me um exemplar de *O Grande Conflito*, de Ellen G. White. Com curiosidade comecei a folheá-lo e meus olhos caíram sobre o capítulo intitulado: “A Bíblia e a Revolução Francesa”. Para alguém enfronhado em ideologia revolucionária, o título era intrigante. Comprei o livro e o li, pulando entre os capítulos. Ao alcançar a última página, tinha tomado uma decisão: Eu

me tornaria adventista do sétimo dia.

Pedi ao pastor adventista do lugar que me emprestasse um guia para estudar a Bíblia e estudei-o lição após lição. Minha boca saboreou lentamente os ensinamentos deliciosos da Bíblia. Ao atingir o fim da série, preenchi e assinei o formulário pedindo batismo na Igreja Adventista. Meu irmão ficou chocado com minha decisão. Em 27 de dezembro de 1975, fui batizado nas águas do Rio Mauri, perto do lugar onde conheci o evangelho.

## A mão orientadora

Durante o ano seguinte, mergulhei na leitura da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White. Nada podia distrair-me do estudo em profundidade — nem mesmo o noticiário. Queria compreender a mensagem de Deus através das Escrituras e estabelecer uma relação pessoal profunda com Jesus. Mas havia também muita coisa que precisava desaprofundar.

Em 1977, depois de lecionar 12 anos em escolas públicas, passei a fazer parte do corpo docente do Colégio Adventista da Bolívia. Não estava interessado em quanto ia ganhar; meu desejo era alcançar uma compreensão mais plena da vontade de Deus para minha vida e servi-Lo onde quer que precisasse de mim.

Lecionando no Colégio Adventista da Bolívia, pude defender em círculos políticos o valor da educação cristã. Declarei que os adventistas tinham estabelecido escolas rurais muitos anos antes de o governo pensar em fazê-lo. Os professores adventistas tinham sido pioneiros da liberdade autêntica.

Agora, 23 anos após minha conversão, vejo como a mão de Deus me guiou ao longo da vida, a despeito de meus erros e teimosia. Com o apóstolo Pedro, reconheço que a alegria e esperança só se encontram em Jesus Cristo, “porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12). Minha esposa e eu temos um lar cristão, um filho e uma filha — Edson Claudio e Nidia Esther. Como diretor do Departamento de Educação na Missão Leste da Bolívia, sinto-me honrado em promover os valores e objetivos de uma educação baseada na Bíblia e centrada em Cristo. Sei por experiência que só se pode achar verdadeira paz e eterna liberdade em Jesus Cristo.

*Claudio Durán Muñoz é o diretor de educação da Missão Leste da Bolívia. Seu endereço: Casilla 2495, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.*

## A Universidade Adventista das Antilhas anuncia seu novo... Mestrado em Educação



De 22 de junho a 30 julho de 1998, você pode escolher entre quatro opções atraentes:

- Administração e Supervisão Escolar
- O Ensino do Inglês como Segunda Língua na Escola Secundária
- Currículo e Instrução
- O Ensino do Inglês como Segunda Língua na Escola Elementar

### Una-se conosco na “Ilha Encantada”

As vantagens incluem um diploma americano a preço de barganha, um programa de três verões destinado a educadores profissionais que não podem deixar seu local de trabalho durante o ano letivo regular, e um treinamento adventista obtido num ambiente multicultural. Os cursos ESL (Inglês como Segunda Língua) serão ministrados em inglês; os outros cursos, em espanhol.

### Para mais informações, entre em contato com:

Dr. Judy Strand-Barcelo, Director  
Department of Education, Antillean Adventist University  
P.O. Box 118, Mayaguez, Puerto Rico, 00681 E.U.A.  
Telefone: (787) 834-9595, ramal 2328 Fax: (787) 834-9597  
E-mail: mcolon@uaa.edu

# Universidade de Loma Linda

*Para o melhor em ciências médicas...  
você achou seu lugar!*

## **Graduação**

Anatomia (MS, PHD)  
Bioquímica (MS, PHD)  
Ética Biomédica e Clínica (MA)  
Ciências Biomédicas (certificado)  
Ministério Clínico (MA)  
Nutrição Clínica (MS)  
Odontologia  
Aconselhamento sobre Drogas e Álcool  
(certificado)  
Aconselhamento Familiar (certificado)  
Educação de Vida e Família (MA)  
Geologia (MS)  
Terapia de Casais e Família (MS)  
Microbiologia (MS, PHD)  
Enfermagem (MS)  
Farmacologia (MS, PHD)  
Fisiologia (MS, PHD)  
Psicologia (MA, PHD, PSYD)  
Psicologia/Faculdade de Saúde Pública  
(PSYD/DRPH/PHD/MPH)  
Assistência Social (MSW)  
Patologia da Linguagem (MS)

## **Profissões Médicas Aliadas**

Instrução Clínica Cardiovascular/  
Interventiva (BS, certificado)  
Dietética (certificado)  
Tecnologia Dietética (AS)  
Atendimento Médico de Emergência (BS)

Administração de Informação de Saúde  
(BS, certificado)  
Radiografia Médica (AS)  
Sonografia Médica (certificado)  
Tecnologia da Medicina Nuclear  
(certificado)  
Nutrição e Dietética (BS)  
Terapia Ocupacional (BS, certificado)  
Flebotomia (certificado)  
Fisioterapia  
Tecnologia da Terapia de Radiação  
(certificado)  
Tecnologia de Radiação (BS)  
Terapia Respiratória (AS, BS)  
Tecnologia Especial de Imagens  
(certificado)  
Patologia da Linguagem e Audiologia  
(BS, certificado)  
Tecnologia Cirúrgica (AS)

## **Enfermagem**

Bacharelado em Ciência (BA/BS, RNBS)  
Associado em Ciência (opção)

## **Odontologia**

Odontologia (DDS)  
Higiene Dental (BS)

## **Medicina**

Medicina (MD)  
Programa de Cientista Médico (MD/  
MS, MD/PHS)

## **Saúde Pública**

Biostática (MPH)  
Saúde Ambiental (MPH)  
Epidemiologia (MPH, DRPH)  
Administração da Saúde (MPH, MHA)  
Pedagogia da Saúde (DRPH)  
Promoção e Pedagogia da Saúde (MPH)  
Saúde Internacional (MPH, DRPH)  
Saúde Materno-Infantil (MPH)  
Nutrição (MPH, DRPH)  
Medicina Preventiva (DRPH)  
Saúde Pública (BSPH)

## **Para mais informações:**

Telefone: (800) 422-4558 (nos E.U.A.)  
Correspondência: Vice President for Public Affairs  
Loma Linda University  
Loma Linda, CA 92350, E.U.A.  
Internet: <http://www.llu.edu/>

# Amostras do Trabalho de Victor Issa

---



**"O Balanço" (1986); tamanho natural, altura de 112 cm.** Numa de nossas exposições de escultura, uma avó viu meu trabalho "Criança Treinando" e decidiu encomendar a escultura de seus quatro netos. Esta é a primeira de uma série de quatro peças.

O escultor em seu estúdio, trabalhando num busto de Jesus em tamanho natural. "Nesta peça", diz o artista, "estou tentando retratar a expressão no semblante de nosso Salvador ao dar as boas-vindas a Seus filhos".





**“Doce de Chocolate da Vovó” (1993); 41 cm de altura, 48 cm de largura e 41 cm de profundidade.** Esta escultura foi encomendada por uma família de Denver, Colorado, por ocasião do 72º aniversário da matriarca da família. Três das netas serviram de modelo para a peça, e “Mama K” serviu de modelo através de fotografias e videoteipe. A escultura foi um presente de aniversário de surpresa.



**“Menina com Flor” (1995); 27 cm de altura x 19 de largura, exibido em argila.** Os retratos, particularmente de crianças, constituem um desafio antigo para os escultores. O projeto começou como demonstração de classe, tendo uma das estudantes como modelo.

**“O Palhaço” (1996); 150 por cento do tamanho natural, altura de 204 cm.** Esta peça encantadora foi encomendada pelo Centro de Artes de Wichita para a celebração do 25º aniversário do teatro. A escultura foi inaugurada em Wichita, Kansas, em junho de 1996.



**“Vovô, o Contador de Histórias” (1994); 114 cm de altura x 115 cm de largura.** Esta cópia em tamanho natural da peça original possibilitou acrescentar pormenores e semblantes mais expressivos. Meu sogro proveu algumas das dimensões para a versão desta escultura popular.

**"Realeza" (1996); 55 cm de altura x 36 de largura x 34 de profundidade.** Esta peça foi inspirada por seu modelo, uma repórter que estava em Loveland, Colorado, fazendo a cobertura de nossa exposição anual de escultura. Além da cultura e civilização, os antigos egípcios ainda proporcionam bastante beleza que parece transcender o tempo. Estou atualmente trabalhando numa ampliação desta escultura.



**"Criança Treinando" (1996); tamanho natural, 46 cm de altura x 59 cm de largura x 41 de profundidade.** A maioria das crianças que possuem um telefone de brinquedo provavelmente fazem o que é retratado nesta peça. Nossas quatro filhas o fizeram.